

**TEXTOS INÉDITOS DE FRIEDRICH SELLOW.
3 – VIAGEM PELA PROVÍNCIA DE
SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL (1823-1825)¹**

JOSÉ NEWTON CARDOSO MARCHIORI² HENRIQUE MALLMANN BÜNEKER³
DANIEL LENA MARCHIORI NETO⁴

RESUMO

O relatório da viagem de Friedrich Sellow ao Sudeste do Rio Grande do Sul entre agosto de 1823 e janeiro de 1825 é aqui publicado pela primeira vez em língua portuguesa, com o aporte de comentários dos autores. O texto é de grande importância para a História e para as Ciências Naturais devido à notável contribuição do viajante prussiano ao conhecimento regional em fins do primeiro quartel do século dezenove.

Palavras-chave: Aceguá, Bagé, Caçapava do Sul, Cachoeira do Sul, Friedrich Sellow, Geologia, Herval, História Regional, Pelotas, Rio Pardo, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Taquari, Triunfo, Sellow.

ABSTRACT

[Unpublished texts of Friedrich Sellow. 3 – Journey through the Province of São Pedro do Rio Grande do Sul, Brazil (1823-1825)].

The report of Friedrich Sellow's journey through the Southeast of Rio Grande do Sul (Brazil) from August 1823 to January 1825 is published here for the first time in Portuguese with comments by the authors. The text is of great importance to the History and Natural Sciences due the recognized contribution of the Prussian journey to the knowledge of the region at the end of the first quarter of the nineteenth century.

Kew words: Aceguá, Bagé, Caçapava do Sul, Cachoeira do Sul, Friedrich Sellow, Geology, Herval, Pelotas, Rio Pardo, Rio Grande, Regional History, Rio Grande do Sul State, Taquari, Triunfo, Sellow.

INTRODUÇÃO

Entre 1817 e 1831, Friedrich Sellow coletou em viagens pelo Brasil e Uruguai cerca de 12.500 espécimes de plantas, mais de 110.000 insetos, 263 mamíferos e 5.457 pássaros, além de ninhos e ovos (Stresemann, 1948), números que bastam para incluir o seu nome entre os mais importantes naturalistas que exploraram a América do Sul em todos os tempos. Além de seres vivos, Sellow também reuniu fósseis e um grande número de amostras geológicas, principal-

mente no Rio Grande do Sul. Embora enviadas, em grande parte, ao Museu Zoológico de Berlim (atual *Museum für Naturkunde*), as coletas do viajante enriquecem os acervos de diversas instituições científicas do mundo (Barreto, 1976), salientando-se, no Brasil, o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

De grande interesse histórico e científico para o Rio Grande do Sul, o presente texto de Friedrich Sellow consiste no relatório por ele enviado de Porto Alegre ao Barão de Altenstein⁵

¹ Recebido em 12-08-2017 e aceito para publicação em 10-03-2018.

² Engenheiro Florestal, Dr. Professor Titular do Departamento de Ciências Florestais, Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq – Brasil). marchioricfl@gmail.com

³ Técnico em Paisagismo e acadêmico do curso de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Santa Maria. henriquemallmannbuneker@gmail.com

⁴ Professor, Dr. Universidade Federal do Rio Grande. danielmarchiorineto@gmail.com

⁵ Karl Sigmund Franz Freiherr von Stein zum Altenstein (1770-1840). Barão, político e primeiro ministro de Cultura da Prússia, responsável por importante reforma de seu sistema educacional. Foi por sua iniciativa, e pela recomendação de Alexander von Humboldt e de Martin Lichtenstein, que Friedrich Sellow recebeu os recursos necessários às excursões pelo interior do Brasil e Província Cisplatina (atual Uruguai) como viajante-coletor do Museu Imperial de Berlim, motivo pelo qual o naturalista lhe enviava relatórios periódicos. É de um destes, precisamente, que se extraíram os fragmentos ora publicados. Sobre este ponto, resta infor-



FIGURA 1 – Friedrich Sellow a frente da tropa após visita à aldeia dos Puris, em 1815. Desenho a lápis do príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied. De: Zischler et al., 2013. Op. cit., p. 8.

em 12-10-1826. Conservado no referido museu alemão, o manuscrito é documento de difícil acesso e praticamente desconhecido em nosso meio, à semelhança de quase todos os textos do inditoso viajante⁶, visto que apenas curtos fragmentos de sua autoria mereceram publicação em português até o momento, destacando-se, neste sentido, um relato de viagem entre a atual fronteira do Uruguai e a região das Missões (Marchiori et al., 2016), além de observações sobre a colheita e o preparo da erva-mate (Marchiori & Marchiori Neto, 2017). Mas não somente os relatos das viagens de Sellow são desconhecidos da comunidade científica, como também sua própria figura é um mistério, já que a única imagem localizada do prussiano (Figura 1), até o momento, é um desenho de 1815, de

autoria do príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied⁷, no qual Sellow guia a tropa em sua primeira expedição⁸.

O texto em foco cobre o período de 29 de agosto de 1823 a 9 de janeiro de 1825, e trata de uma viagem especialmente planejada para investigar a Serra do Sudeste da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A partir de Porto Alegre, o naturalista seguiu pela Depressão Central, onde esteve em Triunfo, Taquari, Rio Pardo e Cachoeira do Sul, entrou na Serra do Sudeste por Caçapava e seguiu por Bagé, Aceguá, Herval, Pelotas e Rio Grande. Ao retornar a Pelotas, ele quebrou a clavícula ao cair do cavalo, acidente que o reteve na então vila de São Francisco de Paula (atual Pelotas) até o final do ano de 1824, de modo que somente em 9 de janeiro do ano se-

mar que o pedido de subvenção foi feito a von Altenstein, por Sellow, em carta de 15-12-1816, enviada de Caravelas, Bahia (Urban, 1893).

⁶ Friedrich Sellow faleceu em outubro de 1831, ainda no Brasil, por afogamento no rio Doce (Urban, 1893), nordeste de Minas Gerais.

⁷ Maximilian Alexander Phillip zu Wied-Neuwied (1782 – 1867), príncipe renano, naturalista, etnólogo e explorador. Viajou a partir de 1815 pelo interior do Brasil, do Rio de Janeiro à Bahia, na companhia de Freyress e Sellow.

⁸ Sellow partiu do Rio de Janeiro a 4 de agosto de 1815, em sua primeira grande expedição, acompanhando a comitiva do príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied, rumo ao Espírito Santo e depois à Bahia.

⁹ Graduado em Geociências (UFRGS, 1955), o gaúcho Darcy Closs realizou Pós-Graduação nas universidades alemãs de Hamburgo e Tübingen, foi professor do curso de Geologia da UFRGS, presidente da CAPES (1974-1979) e um dos articuladores da fundação da FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul). Faleceu em 11-02-1913.

guinte chegou a Porto Alegre, em viagem de barco pela laguna dos Patos e lago Guaíba.

Pelo renome científico do autor e o ineditismo do texto em língua portuguesa, o presente artigo oferece novidades, sobretudo para botânicos, geólogos e zoólogos, destacando-se a carga de informações sobre variados campos do conhecimento e o registro que confirma a presença da arara-azul-pequena, espécie atualmente extinta na região.

MATERIAL EXAMINADO

O texto do presente artigo baseia-se na cópia microfilmica (Figura 2) do manuscrito de Friedrich Sellow em língua alemã (e em miúda letra gótica), obtida pelo professor Darcy Closs⁹ no início da década de 1960 no Museu de Zoologia de Berlim, por intermédio do pesquisador Erwin Stresemann¹⁰, a qual foi repassada a Abeillard Barreto¹¹, que a incorporou ao acervo da “Bibliotheca Rio-Grandense” (Rio Grande – RS). Na mesma biblioteca também se encontra a cópia datilografada (e em alemão), transcrita do manuscrito original pela senhora Urte Casória, bem como a versão em português, realizada por Bertoldo Klinger, com sua singular ortografia¹².

Os termos que a Sra. Urte Casória não conseguiu decifrar são indicados por reticências, entre parênteses, ao longo do texto.

TEXTO DE SELLOW

Ilustríssimo senhor,
Poderoso Sr. Ministro de Estado,
Clementíssimo, respeitadíssimo senhor!

As terras às margens do Uruguai que percorri no início de 1823 foram de fraco rendimento para nossas coleções, pois minha expectativa sobre os grandes vales do rio foram mal correspondidas; contudo, na continuação de minha viagem do Salto Grande¹³ a Porto Alegre, a serra basáltica em que nascem o Rio Negro¹⁴, o Arapeí¹⁵, o Quaraí¹⁶, o Ibirapuitã¹⁷ e o Ibicuí-Guaçu¹⁸ oferece interessantes minerais, mas foi parca em animais e plantas, ao passo que os vales do Vacacaí e do Guaíba, pelos quais

¹⁰ Ornitologista alemão (Dresden, 22-11-1889 – Berlim, 20-11-1972), pesquisador do Museu Zoológico de Berlim, professor de Zoologia da Universidade de Berlim (1930-1961) e editor do *Journal für Ornithologie*.

¹¹ Funcionário do Banco do Brasil, Abeillard Vaz Dias Barreto (Rio Grande, 20-6-1908 – Rio de Janeiro, 03-11-1983) destacou-se por suas preciosas contribuições à História do Rio Grande do Sul, salientando-se a famosa “Bibliografia Sul-Riograndense”, obra em dois alentados volumes.

¹² General do Exército Brasileiro, Bertoldo Klinger (Rio Grande, 01-01-1884 – Rio de Janeiro, 31-01-1969) defendia a tese de que as palavras deviam ser escritas tal como pronunciadas, motivo de alguma dificuldade inicial no entendimento de seus textos, caso da presente tradução de Sellow, por ele realizada.

¹³ O autor refere-se ao “Salto Grande” do rio Uruguai, situado poucos quilômetros a norte das atuais cidades de Salto (Uruguai) e Concórdia (Entre Rios, Argentina).

¹⁴ Equívoco do autor, perfeitamente compreensível na falta de referências bibliográficas confiáveis na época. Principal afluente do Uruguai, o rio Negro nasce na região fisiográfica da Serra do Sudeste (RS), dirige-se inicialmente para o sul e passa a correr em direção oeste já em território oriental, indo lançar-se no rio Uruguai um pouco ao sul da cidade de Fray Bentos, capital do departamento de Rio Negro.

¹⁵ Inteiramente uruguaio, o rio Arapeí é afluente da margem esquerda do rio Uruguai; com 240 km de extensão, nasce na Coxilha de Haedo e corre por região basáltica, com direção geral leste-oeste (Chebataroff, 1984. Op. cit., p. 63).

¹⁶ Afluente da margem esquerda do rio Uruguai, o rio Quaraí (*Cuareim*, em espanhol) nasce no alto da Serra Negra (nome regional da Cuesta de Haedo), nos arredores da cidade de Santana do Livramento, tem seu curso em terreno basáltico e deságua no Pontal do Quaraí, servindo, ao longo de seu curso, como limite entre Brasil e Uruguai; o Rincão de Artigas, delimitado pelos os arroios Moirones e Invernada (formadores do Quaraí), é contestado pelo vizinho país.

¹⁷ Com 259 km de extensão, o rio Ibirapuitã nasce nos arredores de Santana do Livramento e se lança no rio Ibicuí, ao norte da cidade de Alegrete.

¹⁸ De fato: o rio Ibicuí nasce no planalto basáltico da Serra Geral. Cabe salientar, todavia, que o autor se refere ao atual rio Santa Maria (afluente do Ibicuí, que passa pela cidade de Rosário do Sul), por ele efetivamente atravessado nessa viagem, e que, em muitos mapas da época, era confundido com o verdadeiro Ibicuí. No mapa das “Áreas de coleta de Friedrich Sellow e Auguste de Saint-Hilaire”, por exemplo, Wilhelm Herter também considera o atual rio Santa Maria como a origem do rio Ibicuí, colocando tanto sua nascente como a do rio Negro em área muito próxima (Herter & Rambo. Nas pegadas dos naturalistas Sellow & Saint-Hilaire. Op. cit., 1951). Após entrar no Rio Grande do

hochachtungsvoll
Friedrich Sellow
Geheimer Rath
Königliche Regierung
Rio-Grande

Die Provinz von Uruguay, welche ich zu Anfang 1823 besuchte, war
mit der geringen Fruchtbarkeit der meisten Vorkommungen zu-
gleich, indem meine Beobachtungen der dortigen Natur
auch die sehr unproduktive Natur der meisten folgenden
Theile von Salto Grande nach Porto Alegre hinwärts, zu-
erstlich, wie der Rio Negro, der Arroyo, Guaraní,
Ibirapuitani und Ibiriguazú nachzuweisen, insbesondere
auch, die Thiere und Pflanzen zeigte, als ob sie aus dem
Südwesten der Hüter der Vacacay, mit Guaraní durch die
von mir schon früher mit sehr wenig Besichtigung über die gro-
ßartigste Exemplare der Länder, mit dieser Theile sollte ich
auch einen kleinen Theil der Provinz von St. Pedro gesehen,
welche über 8200 □ Meilen Umfang besitzt, mit sehr in
politischen Hinsicht und der wichtigsten Brasilien ist, indem die
Zahl ihrer Einwohner sich bereits auf 115000 beläuft, und die
auffallendste jährliche Einkommen mit mehr als 600 Contos steigt.
Der einzige Zweck der südlichen Hüte dieser Provinz ist die
allein die Provinz zu beschützen und ich konnte nachsehen, bei
Rio Grande gute Gelegenheit zu finden die Provinz und die
Provinz der südlichen Brasilien einzuführen und ihre großen
zu beschützen. Dieser alle sehr wichtig, und ich
kann durch die Provinz von Caacay, Baji, Verro Largo und
Rio Grande zu machen, und diese letzten Daten mit nach Porto
Alegre zurückzuführen.

FIGURA 2 – Parte da primeira página da cópia da imagem microfilmica da carta manuscrita de Friedrich Sellow, obtida no acervo da "Bibliotheca Rio-Grandense".

prossegui, pouco esclareceram a constituição geognóstica¹⁹. Nesta viagem vi apenas uma pequena parte da província de São Pedro²⁰, a qual tem uma área de mais de 8.200 léguas quadradas²¹ e é, também politicamente, uma das mais importantes do Brasil, tanto que sua população já soma 115.000 habitantes e sua receita pública anual excede de 600 contos. O interior acidentado da parte sul desta província parecia muito prometer em todos os domínios e eu me sentia seguro de deparar no Rio Grande com oportunidade para colecionar e expedir, sem grandes despesas, as aves aquáticas e ribeirinhas do Brasil meridional. Considerando tudo isso, decidi empreender viagem pelos distritos de Caçapava, Bagé, Cerro Largo²² e Rio Grande, e, desta última localidade, regressar a Porto Alegre.

Num país a respeito do qual ainda não se publicou nenhuma viagem científica²³, cujas pobres cartas acusam cadeias de montanhas que na realidade não existem e, em geral, não registram as existentes, em que as ciências naturais apenas são estimadas de poucas pessoas das capitais²⁴, mas, em geral, são ignoradas, pelo

que acidentes sem importância são assinalados como importantes e os de importância são omitidos, o viajante, na verdade, não raro corre risco de escolher mal ao projetar seus planos e, assim, só vir a se deparar com observações mo-finas. Contudo, desta vez fiquei satisfeito pela escolha que fiz.

Parti de Porto Alegre²⁵ a 29 de agosto de 1823, quando recém a primavera se revelava nas plantas, e subi pela margem esquerda do Guaíba, pois, dado que a guerra prosseguia²⁶, só na região das matas podia eu angariar o necessário auxílio de homens, empenho em que sempre ocorriam incríveis dificuldades²⁷.

O longo vale do Guaíba²⁸, de mais de 40 léguas de comprimento²⁹, apresenta a capital, Porto Alegre, em situação excepcionalmente aprazível, em sua embocadura, após a reunião dos quatro rios³⁰ formadores do Lago de Viamão.³¹ Assentada em uma península gra-

Sul, em terras do atual município de Livramento, Sellow passou por “Vacaquá”, nome de uma localidade no município de Rosário do Sul, e seguiu pelo divisor de águas entre as bacias do Ibicuí e Vacacaí (afluente do Jacuí, tributário do lago Guaíba), rumo a Santa Maria. Integrantes da Depressão Periférica (ou Depressão Central), os “vales do Vacacaí e Guaíba” apresentam “constituição geognóstica” baseada em formações sedimentares, menos atrativas ao coletor de rochas naquela época.

²⁰ Nome pelo qual era conhecido, na época, o atual estado do Rio Grande do Sul.

²¹ Oficialmente, a área do estado do Rio Grande do Sul é de 281.730,223 km².

²² Nome de atual departamento da República Oriental do Uruguai, cuja capital é a cidade de Melo. De fato: um dos objetivos da viagem era investigar a região de Aceguá, que fica bem na fronteira do referido departamento uruguaio com o Rio Grande do Sul.

²³ Apesar da viagem de Saint-Hilaire ao Rio Grande do Sul ser anterior (1820-1821) à vinda de Friedrich Sellow, o relato do francês era desconhecido ao tempo do prussiano, por ser obra póstuma, com primeira edição (em francês) datada de 1887.

²⁴ Salientam-se duas exceções nesta correta afirmativa: em Montevideú, Sellow manteve contatos com o Pe. Damaso Antonio Larrañaga, um dos pioneiros da His-

tória Natural no vizinho país; em Porto Alegre, o viajante privou da amizade de José Feliciano Fernandes Pinheiro (1774 – 1847), o Visconde de São Leopoldo, autor de “Anais da Capitania de São Pedro”, obra pioneira da historiografia gaúcha e ainda hoje estimada.

²⁵ O itinerário dessa viagem, que contorna, em linhas gerais, o Escudo Rio-Grandense, foi planejado com vistas a atender uma solicitação do governo, que buscava um parecer mais embasado sobre a existência de ouro em Caçapava do Sul, bem como sobre uma antiga mina de prata “dos jesuítas”, que dizia-se haver na região de Aceguá, na divisa com a Província Cisplatina (atual Uruguai).

²⁶ Não havia, propriamente, um estado de guerra naquela época no Rio Grande do Sul, mas grande instabilidade política. A recente declaração de Independência do Brasil perturbava os ânimos na província; o ouvidor e corregedor (José Antonio de Miranda), por exemplo, comunicou as cortes de Lisboa sobre seu pedido de renúncia e sobre a determinação feita aos europeus descontentes com a nova situação para que se retirassem do país. Ao mesmo tempo, o governador da província (João Carlos Saldanha Oliveira Daun) pediu demissão em fins de agosto de 1822, sendo substituído por Antero José Ferreira de Brito, que lutara pela Independência do Brasil.

²⁷ Parágrafo publicado, anteriormente, em Marchiori & Durló (1998, p. 44).

²⁸ Do rio Jacuí, em verdade.

²⁹ Refere-se ao vale do rio Jacuí, na Depressão Central.

³⁰ Sellow refere-se aos rios Jacuí, Caí, dos Sinos e Gravataí.

³¹ Nome antigo para o Guaíba; vê-se que Sellow o define de modo adequado, como lago, ao contrário de autores posteriores (e de até poucos anos atrás), que referiam-se ao Guaíba como “rio”.

nítica de 100 pés de altura, de mais recente formação, a capital conta quatro igrejas³² e 1800 fogos³³, e com um excelente ancoradouro, onde raramente encontram-se menos de quarenta veleiros. Esse vale apresenta outras duas cidades³⁴, três povoados³⁵ e, em sua constituição, alternam-se argila, areia, arenito e calcário³⁶. Geralmente predomina a argila vermelha, pegajosa; às vezes prevalece o arenito; as camadas de calcário geralmente são minoria. Ocorrem, com freqüência, veios basálticos; eles ocasionam as pequenas corredeiras, as quais, acima da vila do Rio Pardo embarçam a navegação³⁷ e, às vezes, também formam coxilhas.

A encosta setentrional do vale, que tem papel de relevo no embelezamento da paisagem porto-alegrense, é formada por uma serra que se estende por mais de cinco graus de longitude, seguindo o paralelo de 30 graus, desde o mar até o 7º de longitude e daí vai perder-se no rio Uruguai³⁸. É a aba sul do planalto, que forma a maior parte da metade norte da província.

Sua massa principal é basalto com *wacke*³⁹ e amigdalites; os montes marginais são, principalmente, de arenito⁴⁰, muitas vezes revestido de basalto, conforme tive ensejo de observar, em colunas isoladas ou em linhas divergentes, no estranho cerro do Botucaraí⁴¹ (Ibiticaraí), o qual, visto do norte, tem forma de alto cone, sobre o qual se assenta um cubo⁴².

Essa região é vestida de alta mata⁴³, na qual reencontrei várias árvores e, em geral, várias plantas iguais às que colecionara no Tietê⁴⁴.

³² Eram elas: a antiga Matriz da Mãe de Deus, concluída em 1794, mas ainda sem as torres, segundo Saint-Hilaire (demolida para a construção da atual Catedral Metropolitana); a Igreja de Nossa Senhora das Dores, que desde 1813 permitia a realização de cerimônias religiosas na capela-mor, já concluída; a Igreja do Rosário, ainda não totalmente concluída (1817-1827); e a Capela Nosso Senhor dos Passos (da Santa Casa), que a partir de 1821 já era utilizada, embora ainda seguisse em obras.

³³ O mesmo que casas ou, por extensão, lares.

³⁴ Vilas, como se dizia na época; eram elas: Rio Pardo e São João da Cachoeira (atual Cachoeira do Sul).

³⁵ O autor refere-se a: Triunfo, emancipado de Porto Alegre e Rio Pardo em 25-10-1831; Taquari, emancipado de Triunfo em 4-7-1849; e São Jerônimo, emancipado de Triunfo em 3-12-1860.

³⁶ O texto deste parágrafo foi publicado por Noal Filho & Franco (2004), em conhecida obra sobre a capital gaúcha.

³⁷ Em sua conferência sobre a “Excursão geológica de Frederico Sellow”, escrita com base nas amostras coletadas pelo prussiano e, certamente, apoiada em textos do mesmo, o mineralogista Christian Samuel Weiss (1780 – 1856) registrou que “os veios de basalto (...) constituem as pequenas quedas de água, que acima de Rio Pardo dificultam a navegação e, às vezes, também se apresentam em elevações basálticas no vale” (Weiss, 1941. Op. cit., p. 68).

³⁸ Definição muito apropriada para o rebordo da Serra Geral.

³⁹ O mesmo que paraconglomerado, um tipo de rocha sedimentar.

⁴⁰ A presença de arenito abaixo do basalto foi, certamente, observada por Sellow, como comprova a amostra n. 956 do Museu Nacional (Rio de Janeiro), coletada pelo viajante na “Serra de São Martinho”, arredores de Santa Maria, em sua viagem de ida para Porto Alegre.

⁴¹ Situado no município de Candelária do Sul, o cerro do Botucaraí (29°42’19”S – 52°50’21”O) destaca-se na Depressão Central por sua altitude de 569 m.

⁴² Foi nessa viagem que Sellow subiu até o topo do Botucaraí e ali realizou numerosas coletas de plantas, como as que são *typi* de *Sinningia sellovi* (Mart.) Wiehler (Gesneriaceae) e *Tetrapteryx mollis* Griseb. (Malpighiaceae). Na exsicata da última se pode observar uma das etiquetas manuscritas por Sellow (Figura 3) com localidade de coleta indicando “Cº de Butucaray” (Cerro de Botucaraí). Com base em amostras geológicas do viajante, Weiss (1941. Op. cit., p. 71) refere que “seu cume é de wacke (basalto decomposto) cinzento, endurecido, com manchas brancas iniciais da estrutura amigdalóide e schistosidade ainda perceptível; 150 pés abaixo é de grã grossa e cheia de cristaizinhos de albita (?); o sopé do cone, argila ferruginosa pardo-vermelha, francamente a massa principal amigdalóide, as amêndoas cheias de calcedônia, quartzo, &, ainda raras e pequenas; 350 a 400 pés abaixo do cume, freqüentes vesículas e grotas, completamente revestidas de zeólito foliáceo; parte deste depositado nas vesículas”. Uma amostra de porfiroto (n. 1886) do Museu Nacional vêm a complementar o rol de amostras coletadas por Sellow neste local.

⁴³ A composição florística do Morro do Botucaraí mereceu recente publicação de Fávero & Longhi (2015), cuja consulta se recomenda ao leitor interessado. Foram encontradas 68 espécies arbóreas, de 56 gêneros e 30 famílias botânicas. Segundo os autores, trata-se de uma Floresta Estacional Subtropical de composição reduzida, comparada ao Alto Uruguai, mas enriquecida com elementos da Floresta Ombrófila Densa e, sobretudo, da Floresta Ombrófila Mista.

⁴⁴ De fato: trata-se da mesma Floresta Estacional, apenas um pouco empobrecida em sua composição florística devido à “diluição latitudinal da tropicalidade”. Salienta-se que Sellow, ao contrário de outros viajantes do século dezanove, não menciona a presença do pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*) ao pé do cerro do Botucaraí.



FIGURA 3 – Exsicata do tipo de *Tetrapteryx mollis* Griseb. (Malpighiaceae), coletada por Sellow. Na porção inferior se pode observar uma das raras etiquetas manuscritas de Sellow com localidade de coleta indicando “C° de Butucaray” (Cerro de Botucaraí). Infelizmente, esta exsicata foi destruída quando o Herbário B (Berlim) foi bombardeado na Segunda Guerra Mundial. Fotografia n. 12737 do acervo do Herbário B. Créditos da imagem: Field Museum, Chicago.

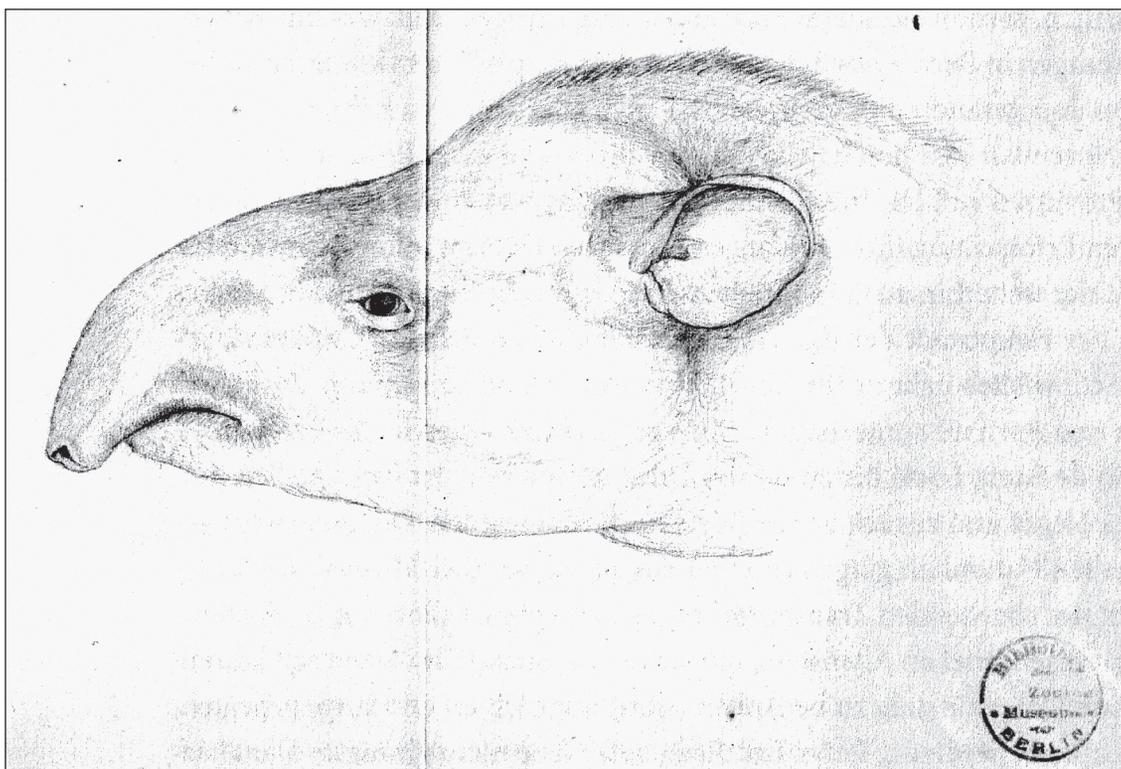


FIGURA 4 – Desenho de uma anta, *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758), desenhada a lápis por Friedrich Sellow. De: Zischler et al., 2013. Op. cit., p. 94.

Aqui igualmente ouvem-se os urros do guariba⁴⁵ e foge o tapir⁴⁶ (Figura 4) diante do caçador, a safar-se nos caldeirões dos córregos; e nos mais altos topos das árvores vibra a bigorna da araponga (*Ampellio nudicollis*)⁴⁷. No pé dessa serra medram algodão, mandioca e até a cana-de-açúcar⁴⁸. E desse ponto até a borda do rio se alternam campos de pastagem e capões de mato, esse geralmente cercado de alta bromeliácea⁴⁹, a qual propicia o aumento da área do capão⁵⁰,

mas vai rareando para o sul e acaba desaparecendo.⁵¹

A encosta meridional do vale, mais baixa e de aclave menos abrupto, é formada de serras mais antigas⁵²; geralmente se estendem entre o 1° e o 2° grau de latitude, mas aqui em tal maneira se dilatam que dão ao vale considerável largura, de 8 até 12 léguas.

No seu vale se encontram pequenas jazidas de carvão-de-pedra, com muito minério de enxofre, provavelmente da era dos fósseis⁵³.

⁴⁵ *Alouatta guariba clamitans* (Cabrera, 1940), o popular bugio-ruivo, primata da família Atelidae.

⁴⁶ O mesmo que anta, *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758), mamífero de grande porte, da família Tapiridae.

⁴⁷ Ave passeriforme da família Cotingidae, a araponga nativa no Rio Grande do Sul corresponde a *Procnias nudicollis* (Vieillot, 1817), espécie conhecida nos países vizinhos como “pájaro campana”. O binômio *Ampellio nudicollis* foi reduzido à sinonímia.

⁴⁸ Cultivos sabidamente tropicais.

⁴⁹ Trata-se do gravatá ou bananinha-do-mato, *Bromelia antiacantha* Bertol. (Bromeliaceae).

⁵⁰ Observação fitogeográfica muito apropriada, uma vez

que os gravatás conquistam espaço à vegetação campestre na orla dos capões (de mato) e, em seu meio, instalam-se indivíduos lenhosos.

⁵¹ Parágrafo publicado, anteriormente, por Barreto (1976, p. 1260) e por Marchiori & Durlo (1998, p. 45).

⁵² Correto, visto tratar-se da Serra do Sudeste, ao passo que ao norte do “vale” se encontra a Serra Geral, cujos derrames datam do Mesozóico.

⁵³ Os carvões do Rio Grande do Sul pertencem à formação Rio Bonito e datam do Permiano (cerca de 260 milhões de anos ap.). Sellow, muito acertadamente, re-

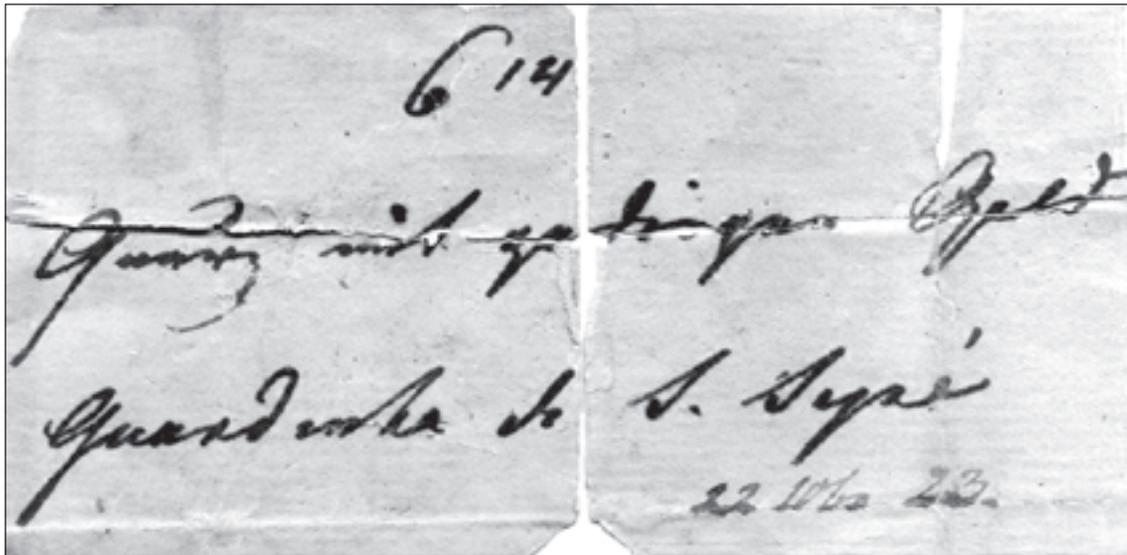


FIGURA 5 – Etiqueta da coleta geológica n. 614 (Ouro), manuscrita por Friedrich Sellow, coletada nas nascentes do arroio São Sepé e preservada no “*Museum für Naturkunde Berlin*”. Créditos da imagem: *Museum für Naturkunde Berlin MFN – MIN – MFN MIN 2000 6958*.

Da freguesia de Taquari⁵⁴; da vila do Rio Pardo⁵⁵, terceira povoação da província em importância⁵⁶, com três igrejas⁵⁷ e 500 fogos; da vila da Cachoeira⁵⁸, em bela situação⁵⁹, com apenas 150 fogos, e pobre, empreendi várias excursões à serra basáltica⁶⁰, às minas de carvão⁶¹, às pedreiras calcárias⁶², às pequenas lagoas na borda do rio⁶³, nas quais, em outubro e

novembro, pelicanos de diversas espécies fazem seus ninhos nas macegas, vegetação que, qual rizóforas⁶⁴, ergue suas raízes acima da água e formam ilhotas flutuantes, em torno das quais se postam, prontas à rapina, variedades de falções⁶⁵; tais excursões foram bastante produtivas para a coleção.

fere-se a “*Rothliegende*”, termo correspondente (embora em desuso) ao Permiano.

⁵⁴ Atual cidade de Taquari (29°48'00"S – 51°51'35"O), situada à margem esquerda do rio de mesmo nome e a 31 km de sua foz no rio Jacuí.

⁵⁵ Ao contrário de Taquari, que ainda era “freguesia” ao tempo da viagem de Friedrich Sellow, Rio Pardo já era “vila” (termo correspondente à sede de município), e uma das quatro então existentes no Rio Grande do Sul, criadas por ocasião da primeira divisão administrativa da província (Provisão s/n° de 07-10-1809).

⁵⁶ Após Porto Alegre e Rio Grande.

⁵⁷ O autor refere-se à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, à Igreja do Senhor dos Passos, e à Capela São Francisco.

⁵⁸ Atual Cachoeira do Sul (30°02'20"S – 52°53'38"O), o quinto município mais antigo do Rio Grande do Sul, emancipado de Rio Pardo por Alvará de 26-4-1819; a instalação do município deu-se a 5-8-1820.

⁵⁹ De fato: Cachoeira do Sul situa-se no topo de alto barranco, à margem esquerda do rio Jacuí, em bela situação topográfica.

⁶⁰ Refere-se ao rebordo do Planalto Meridional, revestido por densa Floresta Subtropical Estacional.

⁶¹ Sellow esteve em duas “regiões carboníferas”: a primeira, ao sul do Jacuí, na altura de Rio Pardo, onde o “carvão de pedra” aparecia “em camadas, muito mesclado com argila, semelhante ao carvão xistoso”; a segunda, também à margem direita do Jacuí, mas ao sul do Cerro Botucará (WEISS, C.S., 1941. Op. cit., p. 71). Possivelmente, Weiss se baseou nas amostras conservadas no “*Museum für Naturkunde*” n. 517 (de 9-9-1823) e n. 527 (10-9-1823) para esta caracterização.

⁶² Como pode ser comprovado pelas amostras n. 510 (de 3-9-1823), n. 535 (de 12-9-1823) e n. 536 (de 21-9-1823), conservadas no “*Museum für Naturkunde*” de Berlim, coletadas nas paradas da viagem ao longo do rio Jacuí, a caminho de Cachoeira do Sul.

⁶³ Formadas, geralmente, pelo fechamento (ou isolamento) de antigos braços de rio.

⁶⁴ Tratam-se de sarandis, arvoretas pertencentes a espécies de distintas famílias e gêneros botânicos (*Phyllanthus*, *Sebastiania*, *Terminalia*), cujo único ponto em comum é o fato de suportarem submersão temporária e, pelos caules flexíveis, oferecerem notável resistência à força da correnteza (plantas reófilas). Ao contrário da aludida *Rhizophora*, árvore típica do manguezal, os sarandis, não suportam água salgada.

⁶⁵ Falconidae é uma família de pássaros que apresenta quatro espécies na região: *Caracara plancus* (Miller, 1777),

A quinze de dezembro deixei o Guaíba⁶⁶ e, por um pequeno desvio para as nascentes do arroio São Sepé⁶⁷, onde recentemente começaram a lavar o ouro⁶⁸, prossegui para a freguesia de Caçapava⁶⁹, de cem fogos, situada numa cumeada granítica, que ajuda a limitar o vale do Guaíba, o qual se estende por seis a sete léguas, com largura de uma légua. Sobre esse granito assenta uniformemente para oeste um xisto argiloso que, em certos lugares, apresenta minério de cobre⁷⁰ com camadas de gabro ou xisto de talco (?) e calcário branco granuloso. Esse xisto, subjacente a (?) em grandes trechos imita (?) e lhe pertence. Mais para oeste aflora carvão e sob este encontra-se xisto argiloso, em alternância com xisto de pedra verde (?) e rico em veios de quartzo aurífero, raramente extensos, geralmente dilatados em forma de (?) e em tais locais aparecem fartos destroços, cujo ouro, porém, tão cedo não será extraído, pois ainda não se pode estabelecer mineração (?); os garimpeiros se contentam de lavar, penosamente, os veios esboroados (Figura 2); as águas do rio

são aqui muito profundas e não pode ser aplicada a perícia dos mineiros deste país em canalização de águas. Para leste, como para oeste, o granito de Caçapava mostra tendência para transformar-se em xisto micácio; mas não chega este a constituir-se; vem, depois, blocos de hornblenda, em parte como xisto; serpentina; noutros pontos calcário granuloso; depois grauvaque, com pórfiro (?) e conglomerado.

Essas rochas de conglomerado proporcionam, aqui, muitos quadros pitorescos. Sobre base circular, elevam-se a princípio suavemente, depois abrupto, como paredão, até com inclinação fora do prumo, rematados em cume levemente arqueado. O sopé e o topo são revestidos de relva e adornados de uma corypha⁷¹, cuja haste atinge no máximo uma altura de duas a três braças⁷², e aparece isolada ou em grupos de três ou quatro⁷³.

Nas fendas e gargantas crescem gramíneas, do meio das quais a palmeira gerivá⁷⁴ ergue sua copa em forma de espanador de penas sobre a cabeça, que parece inchada. Em baixo coleiam galhos do arroio Irapuá⁷⁵, sombreados de densa mata marginal, em que se encontravam belos relvados de verde-claro e o escuro de altas ocóteas⁷⁶, sobressaindo flores escarlates de uma

o popular caracará; *Milvago chimachima* (Vieillot, 1816), dito carrapateiro; *Milvago chimango* (Vieillot, 1816), dito chimango; e *Falco sparverius* (Linnaeus, 1758), o quiriquiri. No mesmo ambiente, mas com vistas à captura de pequenos peixes, encontram-se os martins-pescadores grande, verde e pequeno (Família Alcedinidae), respectivamente: *Megaceryle torquata* (Linnaeus, 1766); *Chloroceryle amazona* (Latham, 1790) e *Chloroceryle americana* (Gmelin, 1788).

⁶⁶ Força de expressão: Sellow quis dizer que deixou o vale do Jacuí (Guaíba) ou a Depressão Central.

⁶⁷ Afluente da margem direita do rio Vacacaí, o arroio São Sepé nasce no interior do município de Caçapava do Sul.

⁶⁸ Neste local, Sellow coletou uma amostra de ouro (n. 614) em 22-12-1823, conservada no “Museum für Naturkunde” de Berlim (Figura 5).

⁶⁹ Atual Caçapava do Sul (30°30'43"S – 53°29'27"O), sede de município da Microrregião “Serras do Sudeste”, elevada à categoria de “Vila” em 25-10-1831. Nossa Senhora da Assunção de Caçapava ainda não era vila (cidade, sede de município) ao tempo da passagem de Sellow, pois se emancipou apenas em 25-10-1831, por desmembramento de Cachoeira, Rio Pardo e Piratini.

⁷⁰ De acordo com Barreto (1976, p. 1261), Sellow foi o primeiro a dar notícias sobre a existência de cobre em Caçapava; identificado nos “campos do Albarnaz”, só quarenta anos mais tarde é que esse veio cuprífero apareceu no relatório do guarda-mor Baltazar Francisco de Bem (4-01-1864).

⁷¹ Claríssima referência a *Trithrinax brasiliensis* Mart., o popular carandá ou buriti, palmeira da subfamília Coryphoideae.

⁷² Antiga medida de comprimento, correspondente a 2,2 m; de acordo com o autor, portanto, a palmeira tem altura de 4,4 a 6,6 metros. De fato: o carandá é de porte menor do que o gerivá (*Syagrus romanzoffiana*).

⁷³ Sellow, com outras palavras, assegura que na Serra do Sudeste gaúcho os buritis não chegaram a formar palmares extensos em passado histórico, como o verificado por Marchiori et al. (2014) no curso médio do rio Toropi, nos confins dos atuais municípios de Júlio de Castilhos, São Martinho da Serra e Quevedos.

⁷⁴ *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman (Arecaceae).

⁷⁵ Afluente da margem direita do rio Jacuí, o rio Irapuá nasce na região central do município de Caçapava do Sul e passa a leste dessa cidade; seu principal afluente, o Irapuazinho, lança-se pela margem direita. Ali, Sellow coletou em 02-01-1824 uma amostra de anfíbolito (n. 617), conservada no “Museum für Naturkunde” de Berlim.

⁷⁶ O autor refere-se a espécies da família Lauraceae ou, então, a uma ou mais espécies do gênero *Ocotea*, comuns na região: *O. acutifolia* (Nees) Mez, *O. puberula* (Rich.) Nees, ou *O. pulchella* (Nees) Mez.

mimosa⁷⁷, de par com as quais balançavam as frondes de begônias⁷⁸ amarelas ou róseas.

As paredes das rochas, em que se alternam camadas de grã miúda com outras de fragmentos grandes, são crivadas de covas e saliências, quais cornijas, onde se aninha uma arara azul.⁷⁹ Mas aí também tem domicílio cobras-bandeiras⁸⁰ (?). Nesta serra, muito me alegraram lindas gonfrêneas⁸¹, echíteas⁸², escalônias⁸³ e, principalmente, variedades de cactos-bola⁸⁴, sem referir outras muitas plantas que aqui, e cada

vez mais, no rumo ao sul, fazem lembrar vivamente a Europa.

Os vales e gargantas do granito em Caçapava⁸⁵, que, com frequência, é porfiroide e, de quando em quando, contém basalto, são revestidos de vegetação e fartamente irrigados, pelo que esta região da província é a mais próspera para colecionadores⁸⁶, apesar das terras ao sul do paralelo de 30° serem geralmente desnudas⁸⁷ e só junto a córregos de vulto e rios ostentam estreita borda de mata, com exceção da metade oriental da serra do Erval⁸⁸ e da serra dos Tapes⁸⁹. Nesta latitude medram as frutas européias, até ameixas e cerejas; e outrora se achava má a colheita quando o trigo produzisse menos de vinte vezes o semeado.

Na iminência de partir de Caçapava⁹⁰, a 12 de janeiro de 1824, tive a ventura de receber, em duas vias, a resolução de V.Ex.^a, datada de 25 de março de 1823; se não tive ensejo de manifestar incontinentemente a V.Ex.^a a minha gratidão por essa imerecida manifestação de seu apreço, isso não diminui nem pouca os meus propósitos a bem da honesta missão.

⁷⁷ Pelo ambiente, pode tratar-se de *Mimosa trachycarpa* Benth. ou de *Mimosa ramulosa* Benth.

⁷⁸ Possivelmente *Begonia semperflorens* Link & Otto (Begoniaceae), cujo tipo é dessa região e foi coletado por Sellow (*d1856*), espécime conservado no “Botanisches Museum Berlin-Dahlen” (B100002801).

⁷⁹ Valiosa referência histórica, uma vez que comprova, pela credibilidade do autor, a existência pretérita de *Anodorhynchus glaucus* (Vieillot, 1816) na Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul, espécie conhecida como “arara-azul-pequena” e que é tida, atualmente, como “regionalmente extinta” (Fontana et al., 2003, p. 277-280). Os vastos palmares de *Butia odorata* existentes na bacia do rio Camaquã (Deble et al., 2011), bem como os indivíduos de *Trithrinax brasiliensis* (no topo de morros) e de *Syagrus romanzoffiana* (nas matas ciliares) forneciam abundante alimentação para estes pássaros de dieta sabidamente restrita. Os ninhos em cavidades de rochas, mencionados por Sellow, justificam o topônimo “Pedra das Araras”, em Santana da Boa Vista, mencionada no referido “Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Rio Grande do Sul”.

⁸⁰ No referido ambiente, ainda hoje não são raras serpentes do gênero *Bothrops* (cruzeiras e jararacas); em vez de “bandeiras”, o mais provável é que o autor se referisse à conhecida “cruzeira”, *Bothrops alternatus* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854).

⁸¹ Referência à família Amaranthaceae ou a espécies do gênero *Gomphrena*, à qual pertence.

⁸² *Echites* P. Browne é um antigo gênero da família Apocynaceae, ao qual se inseria o vistoso velame-branco, *Macrosiphonia petraea* (A. St.-Hil.) K. Schum., espécie nativa na região.

⁸³ Na região se encontram duas espécies desse gênero, as quais são popularmente ditas “canudos-de-pito”: *Escallonia bifida* Link & Otto e *Escallonia megapotamica* Spreng. Desta última, Sellow coletou três espécimes neste trecho da viagem: *d1422* (espécime conservado no ‘Museum Nationale d’Histoire Naturelle, P00709600), *d1430* (espécime conservado no “Gray Herbarium, Harvard University”, GH00042717), *d1735* (B100248026) e *d1789* (espécime conservado no “Komarov Botanical Institute of RAS”, LE00001957).

⁸⁴ De acordo com a “Flora Brasiliensis”, Sellow foi responsável pela coleta e envio para o Jardim Botânico de Berlim de *Cactus ottonis*, *C. tenuispinus*, *Echinopsis oxygona*, *E. multiplex*, *Echinocactus denudatus*, *E.*

acuatus, *E. intricatus*, *E. orthacanthus*, *E. polyacanthus*, *E. sellowii*, *E. tephacanthus* e *E. tortuosus*. Também não se descarta a possibilidade de que a descrição de *Cactus scopia*, *C. langsdorfii*, *C. linkii*, *Echinocactus courantii*, *E. pumilus*, *E. gracillimus*, *E. hyptiacanthus*, *E. submammulosus* e *E. concinnus* se deva, igualmente, a remessas de Friedrich Sellow ao Jardim Botânico de Berlim (Pontes et. al., 2017).

⁸⁵ Atual Caçapava do Sul; a palavra, de origem tupi-guarani (*Ca’a asapaba*), significa “clareira na mata” e é termo bem posto, uma vez que a área urbana, originalmente plana, era recoberta de pastagens (campo), a qual era rodeada de matas nas encostas da serra.

⁸⁶ Devido à variação de relevo, pedregosidade, profundidade de solo, altitude, disponibilidade de água e outros aspectos do meio que determinam a existência de distintos nichos ecológicos.

⁸⁷ De fato: tanto a região fisiográfica da Depressão Central como a Serra do Sudeste integram o Bioma Pampa.

⁸⁸ Integrante do Escudo Riograndense ou Planalto Rio-Grandense, a Serra do Herval situa-se ao norte do rio Camaquã; a Serra dos Tapes, por sua vez, situa-se ao sul do referido rio.

⁸⁹ Observação perfeita: no trecho leste das serras do Herval e dos Tapes, na região fisiográfica da Encosta do Sudeste, se encontra uma Floresta Estacional.

⁹⁰ Atual cidade de Caçapava do Sul, conforme nota anterior.

Daqui me encaminhei para a serra de Baberaquá⁹¹, onde ficam as principais nascentes do Camaquã⁹², do arroio do Salso⁹³, Vacacaí⁹⁴ e Jaguari⁹⁵, região que considero a mais alta da província⁹⁶, e capaz de me fornecer excelentes espécimes de plantas.

Transpus o dorso arqueado do xisto argiloso, o qual não alcança de todo o nível do granito e do (?), que é pouco mais baixo e onde cavou seu leito o arroio de Santa Bárbara⁹⁷, e um conglomerado mais quartzoso do que os encontrados no Irapuá e penetrei na bacia do Camaquã, transpus quatro formadores seus, ainda não batizados, conquanto em certa época do ano apresentam-se invadeáveis⁹⁸. Essa desídia em dar nome a importantes acidentes geográficos é aqui generalizada, e a maior parte dos nomes de rios e serras ainda são os que lhes deram os guaranis, os quais outrora não eram tão broncos como hoje parecem⁹⁹. Sobre o (?) descobri granito, com gnaíse; na cabeceira do Salso en-

contra-se hornblenda¹⁰⁰ que se enriquece de quartzo, tal qual o xisto argiloso no São Sepé; depois se segue xisto de hornblenda e densos blocos soltos de hornblenda; mais para oeste, xisto argiloso que alterna com camadas de xistos de (?), de talco, de serpentina, e também encerra quartzo (?) e calcário granuloso, com magnetita.

Obliquamente, através destes xistos, flui o principal braço oriental do Vacacaí e com as linhas de jazimento dos mesmos cruzam-se granitos de grã miúda e graúda a SSE, bem como sienito da mesma idade. Daquela constituição é a larga elevação do Baberaquá, cujas encostas são recobertas de grandes esferoides e outros blocos de variadas formas. Em baixadas com a forma de caldeirões aparecem fraturas; também aparece aí mais vegetação, com a redução da altitude.

Daqui prossegui algumas léguas Camaquã abaixo, desde o seu quinto galho¹⁰¹, a contar de noroeste para sudeste; e atravesssei rumo ao sexto, o qual foi julgado bastante aurífero há meio ano¹⁰². Corre ele, na maior parte, sobre granito porfiróide, e o ouro só é encontrado onde essa é a estrutura. Doze homens que aí trabalham em conjunto, em parte dentro do rio, em parte nas barrancas da margem, geralmente muito terrosa e cheia de destroços de quartzo e (?), servidos apenas de bateias e raspadeiras, conseguem meia libra de ouro num dia. O ganho diário de um faiscador parecia ser de um dracma. No meio do córrego encontrei, em granito comum, um

⁹¹ Serra situada no limite dos municípios de Lavras do Sul e São Gabriel; o termo, de origem tupi (*bae-beraquá*) significa “buraco de coisas brilhantes” (Docca, 1921b. Op. cit., p. 225).

⁹² Com 430 km de extensão, o rio Camaquã nasce de vários braços no município de Lavras do Sul, tem curso sinuoso com direção geral oeste-leste, forma a maior bacia hidrográfica no interior da Serra do Sudeste e se lança na Laguna dos Patos.

⁹³ Afluente da margem direita do rio Vacacaí, o arroio do Salso nasce na serra de Baberaquá (30°41'30"S – 54°04'30"O) e corre em direção norte.

⁹⁴ Principal afluente da margem direita do rio Jacuí, o rio Vacacaí tem 330 km de extensão, nasce, efetivamente, na serra de Baberaquá e tem quase todo o seu curso na Depressão Central (ou Depressão Periférica).

⁹⁵ Trata-se de um afluente da margem esquerda do rio Santa Maria; não confundir com o afluente da margem direita do rio Ibicuí e que banha a cidade de Jaguari.

⁹⁶ Com alguns pontos em altitudes superiores a 430 m, a serra de Baberaquá é a mais alta da metade sul do Rio Grande do Sul.

⁹⁷ Afluente da margem direita do rio Vacacaí, o arroio Santa Bárbara corre, inicialmente, entre a Serra de Santa Bárbara (a oeste) e a Serra dos Lanceiros (leste) e, em seu trecho final, serve de limite natural entre os municípios de São Sepé e Formigueiro, que ficam a oeste, e Cachoeira do Sul (a leste).

⁹⁸ Observação que reforça afirmativa anterior do autor sobre a incúria então existente na toponímia gaúcha.

⁹⁹ Observação repetida, embora com outros termos, em texto do autor sobre a colheita e preparo da erva-mate (Marchiori & Marchiori Neto, 2017. Op. cit., p. 28).

¹⁰⁰ Cristais monoclinicos prismáticos de brilho vítreo, cor variada (incolor, verde ou castanho) e com várias subespécies (tschermakita, edenita, pargasita, hornblenda basáltica) dependendo da composição química, freqüente em rochas ígneas, metamórficas e sedimentos detríticos.

¹⁰¹ Refere-se a diversas sangas ou arroios que dão origem ao rio Camaquã, entre os quais se salientam: os arroios Camaquã Pelado e Branquilha, formadores do arroio dos Carros, o qual dá origem ao arroio do Hilário ao se ligar com o arroio Teixeira; o arroio Camaquã das Lavras, que banha a cidade de Lavras do Sul; e o arroio Camaquã Chico, que também possui vários braços formadores.

¹⁰² Provável referência ao Arroio Camaquã das Lavras, que banha a atual cidade de Lavras do Sul.

grande campo de pedra de quartzo micáceo, como ocorre em vários pontos, sobre e entre ardósia de argila, o qual, com freqüência, é muito rico em ouro; mas aqui resultou infrutífera toda a pesquisa por ouro na redondeza. O granito porfiroide é rico em veios de quartzo cristalino e em quartzo infestado de feldspato talcoso, o qual às vezes encerra ouro e contém inserções de galena.

Continuo o meu itinerário por esse galho do Camaquã abaixo; não tarda a reunir-se ao quinto galho, formando, assim, o Camaquã-Grande. Encontrei sobre o granito-grauvaque, pórfiro de transição e (?).

Abaixo da confluência do Camaquã-Chico eleva-se um grupo de montes esferóides, formados principalmente de quartzo espesso, por vezes laivado de argila¹⁰³. No Passo dos Enforcados¹⁰⁴, acima da boca do arroio das Lages¹⁰⁵, reaparece o arenito. As massas principais assemelham-se, de longe, a ruínas de altas fortalezas¹⁰⁶; delas se desprenderam certas porções e, inclinadas, ameaçando tombar para um lado ou para outro, se imobilizaram como setas, e de degrau em degrau se pode galgar até o topo; mas este é, propriamente, inacessível e coroadado de mimosas arbustivas¹⁰⁷, mirtáceas¹⁰⁸, escalônias¹⁰⁹, às vezes ainda coryphas¹¹⁰. Às vezes,

na borda do paredão, ergue-se solitário cacto peruviano¹¹¹, com suas numerosas colunas verticais compactas, que parecem arrostar os ventos com incrível resistência.

Daí, (eu) subi, arroio de Lages¹¹² acima, e vi de novo o granito irrompendo do arenito e, sem transições, alternar com sienito, e conter veios de espato pesado.

Deixei para trás o arroio das Palmas e me afastei à esquerda¹¹³ da estrada que leva a Bagé, para visitar uma gruta falada¹¹⁴ na região, no arroio Velhaco¹¹⁵, tributário do Camaquã¹¹⁶. Encontra-se ela no (?); sua liga é laivada de calcário, como em muitos outros lugares; apresenta (...) dez pés e largura de 50 passos, contendo (?) a degradar-se em pó de pedra, que cobre o fundo na espessura de um pé. Daqui se estende em direção aos galhos setentrionais do rio Negro uma formação mais nova em estratos. Na parte inferior, até onde pude ver, encontra-se arenito de marga calcária, cheio de pequenas cavidades ramificadas, contendo carbonato de cálcio ou terra calcária sobre arenito argiloso, por sua vez recheado de bolsas calcárias; às vezes também se encontram no arenito de marga ajuntamentos de silicato (pederneira). Muitas vezes o arenito argiloso cheio de pedregulho repousa sobre areia e é geralmente coberto de areia, e então a vegetação era farta, muita dela em flor, ao passo que sobre o gra-

¹⁰³ Refere-se ao extremo sul das chamadas “Pedras das Guaritas”, no município de Caçapava do Sul.

¹⁰⁴ Vau do rio Camaquã (30°52'56"S – 53°35'55"O), entre os municípios de Bagé e Caçapava do Sul, situado à jusante da ponte rodoviária da BR 153 (Transbrasiliana), em antiga estrada de chão. Nesta região, Sellow coletou suas amostras geológicas preservadas no “Museum für Naturkunde Berlin” n. 779-792, em 25-01-1824.

¹⁰⁵ Atual “arroio Lageado”, afluente da margem direita do rio Camaquã, com foz à jusante do Passo dos Enforcados.

¹⁰⁶ Daí seu nome atual: Guaritas.

¹⁰⁷ Uma das espécies mais comuns na região é *Mimosa amphigena* Burkart.

¹⁰⁸ Neste ambiente são comuns três espécies de Myrtaceae: *Blepharocalyx salicifolius* (Kunth) O. Berg, *Gomidesia palustris* (DC.) Kausel e *Myrciaria delicatula* (DC.) O. Berg.

¹⁰⁹ Na região, encontram-se duas espécies do gênero *Escallonia*: *E. bifida* e *E. megapotamica*.

¹¹⁰ *Trithrinax brasiliensis* Mart. (Arecaceae), palmeira localmente conhecida pelos nomes de buriti ou carandá.

¹¹¹ *Cereus hildmannianus* K. Schum. (Cactaceae), a popular “tuna”; *Cereus peruvianus* é antigo binômio atribuído à espécie, até poucos anos atrás.

¹¹² Seguiu em direção às nascentes do arroio das Lages, isto é, rumo a sudoeste, em direção à atual BR 153 (Transbrasiliana).

¹¹³ Tomou rumo leste, portanto.

¹¹⁴ Estrutura existente na dita “Casa de Pedra” ou “Galpão de Pedra” (30°58'11"S – 53°35'23"O), situada no distrito de Palmas (município de Bagé).

¹¹⁵ Afluente da margem direita do rio Camaquã, o arroio Velhaco nasce a leste da BR 153 (Transbrasiliana), nos arredores de Bagé, e atravessa o maciço da “Casa de Pedra”.

¹¹⁶ Na “Barra do Velhaco Pequeno”, estância de José Ignácio da Silva, Sellow coletou, em 28-01-1824 a amostra de “conglomerado” n. 819 e de arenito n. 820, conservadas no “Museum für Naturkunde” de Berlim.

nito e a terra negra de aluvião tudo estava, há muito, torrado¹¹⁷.

A duas léguas de Bagé, de repente, desaparece essa formação e uma planície se estende cem pés mais abaixo; aí, no arroio das Pedras¹¹⁸, galho do rio Negro, situa-se Bagé¹¹⁹, com 60 fogos, assentada sobre pequeno grupo de coxilhas. Ocorre, primeiramente, grauvaque¹²⁰, depois granito porfiroide¹²¹ com grandes cristais de feldspato, sanguíneos, e, diante de Bagé, possante jazida de pedra calcária primitiva¹²². À borda dessa planície, ao norte de Bagé e sobre aquela marga cavernosa, ficava o fortim de Santa Tecla¹²³, onde ainda se podiam reconhecer os fossos das trincheiras.

É bonita a situação de Bagé, num ponto revestido de vegetação, mas foi mal escolhido o terreno. Os espanhóis, ao estabelecerem seus povoados, pensavam mais no futuro; aos portugueses prevalecia o acaso ou o interesse privado; mas os povoados portugueses têm mais agradável efeito na paisagem, porque estabelecidos sobre elevação e porque usavam cair suas moradas.

Aqui chegado, tive oportunidade de expedir cartas para Rio Grande e foi meu primeiro cuidado manifestar a V. Ex.^a o meu profundo agradecimento pelo alto favor que se dignou conceder-me, de que tive ciência a 25 de março de 1823, segundo o qual nada ficava a desejar quan-

to aos meios para a minha jornada até o Pará, de modo que, com a preservação da minha saúde e meus parcos conhecimentos, poderia, com muita atividade, perseguir meus objetivos.

Daqui, desci pelo rio Negro até as serras do Jaceguá-Grande. O granito dos cerros de Bagé¹²⁴, cujas alturas são constituídas de possantes jazidas de quartzo e feldspato, apresenta, debaixo de argila, areia e marga calcária, estratos da mesma formação que cobre o vale do Guaíba. Aqui achei madeira petrificada¹²⁵,

¹¹⁷ Em solos rasos e, principalmente, sobre rochas, a vegetação vivencia carência de água antes do que em solos profundos, como são, em geral, os arenosos.

¹¹⁸ A área urbana de Bagé tem dois arroios: o arroio Gontan, a oeste do centro, e o arroio Bagé, a leste; é a este, certamente, que Sellow refere sob o nome de “Arroio das Pedras”. Ambos os arroios deságuam no arroio Rio Negro Chico, ao sul da cidade.

¹¹⁹ Atual cidade de Bagé (31°19'51"S – 54°06'25"O), sede do município homônimo, que se emancipou de Piratini em 1847.

¹²⁰ No “Museum für Naturkunde” (Berlim) se encontram as amostras de rocha “Sellow 843” e “Sellow 844”, identificadas, respectivamente, como “arenito” e “Grauwacke”, coletadas em 02-02-1824 em Santa Tecla, Bagé, RS.

¹²¹ Em 30-01-1824, Friedrich Sellow coletou a amostra n. 833, de “granito e granito porfiroide”, no “Arroio das Pedras”, em Bagé.

¹²² No “Passo de Bagé”, junto ao “arroio das Pedras”, Friedrich Sellow coletou a amostra de rocha n. 846 (04-02-1824), registrada no “Museum für Naturkunde” (Berlim) como “mármore e mármore-dolomítico”.

¹²³ Construído pelos castelhanos no lugar de antigo posto avançado da estância jesuítica de São Miguel das Missões, o forte de Santa Tecla era dotado de fossos profundos, muralhas de taipa com altura de treze palmos e quatro baluartes. Conquistado e arrasado por iniciativa de Rafael Pinto Bandeira (23-03-1776), foi reconstruído pelos espanhóis (1778) e novamente conquistado e destruído pelos portugueses (1801), desta vez sob o comando de Patrício Corrêa da Câmara. A descrição de Sellow é bastante fiel, ao dizer que “ainda se podiam reconhecer os fossos das trincheiras”. Resta informar que os vestígios das antigas fundações em pedra foram tombados pelo IPHAN em 1970.

¹²⁴ Nos “Cerros de Bagé”, em 06-02-1824, Sellow coletou a amostra n. 848 (Riólito) e 849 (Quartzo), integrantes do acervo do “Museum für Naturkunde” (Berlim). No dia seguinte (07-02-1824), o viajante coletou, no mesmo local, as amostras de Granito n. 853 e n. 855, bem como as amostras n. 850 (Ardósia e Ardósia-Quartzítica) e 857 (Calcário), pertencentes à coleção da mesma instituição alemã.

¹²⁵ No tocante à Paleobotânica, Sellow foi o primeiro a registrar a presença de lenhos fósseis no Rio Grande do Sul (Pinto & Closs, 1967). Weiss (1941) refere que o viajante encontrou “madeira petrificada” com “estrutura de dicotiledônea” entre “São Gabriel e Cayguaté” (Caibaté), entre “os Cerros de Bagé e o Passo do Valente” e no “vale do Rio Negro”; o único reparo a ser feito – e este se deve a Samuel Weiss, que examinou os materiais em laboratório –, consiste na equivocada identidade atribuída a Dicotiledôneas. Entre Bagé e Aceguá foram encontrados (e descritos), no século vinte, pelo menos três caules fósseis: *Damudoxylon iratiensis* Guerra-Sommer, 1877, binômio transferido a *Paulistoxylon iratiensis* (Guerra-Sommer) Merlotti, encontrado 5 km ao sul de Bagé (Merlotti, 2009. Op. cit., p. 16-21); 10 km ao sul da cidade, na mesma estrada para Aceguá, foi encontrado *Polysolenoxylon bortoluzzi* Guerra, 1975 (Guerra, 1975. Op. cit., p. 371-400); e a 12 km foi encontrado *Bageopitys articulata* Dohms, 1976, transferido, por emenda na diagnose, a *Abietopitys articulata* (Dohms) Merlotti (Merlotti, 2009. Op. cit., p. 14-16).

mas não logrei achar impressões de animais, nem de porções deles petrificadas¹²⁶.

No sopé ocidental da serra de Jaceguá¹²⁷, que se compõe de granito com pórfiro, sobre o qual jaz areia de quartzo em camadas desabadas, pertencentes, ao que parece, à formação de (...), ao qual se segue a rocha vermelha micácia, etc., está situada uma das maiores estâncias¹²⁸, como aqui se chamam. Seu proprietário¹²⁹ possui mais de trinta léguas quadradas de terra, com mais de 50.000 cabeças de gado vacum e a cavalha-

da necessária ao seu custeio. A Cisplatina¹³⁰, em sua maior parte, é coberta de terra negra e aluvial, a qual produz as excelentes pastagens que superam, na proporção de 3:1, as do Vacacaí e do Guaíba, não só porque estas ficam mais ao norte, mas principalmente por que aqui se acha na capa superior uma rocha vermelha. Ao passo que uma légua quadrada sustenta 1.200 cabeças de gado vacum, que se multiplicam todos os anos em torno da sexta ou sétima parte, no rio Negro¹³¹, a mesma área sustenta 1.500 cabeças, que aumentam anualmente em um terço ou um quarto, e pesam 1/3 mais.

Os pastos mais magros na metade meridional da província de São Pedro se encontram em areias, na vizinhança do basalto¹³².

A população bovina desta província atinge cerca de cinco milhões de cabeças.

Em Jaceguá-Chico¹³³, onde, dizem, se encontra uma velha mina de prata dos jesuítas, é constituída de granito (...), semelhante ao do Cerro Jaceguá-Grande. Sobre este granito encontra-se arenito¹³⁴, cujas camadas inferiores contêm porções de marga¹³⁵ calcária e conjuntos de saibro sulfuroso¹³⁶, os quais foram tomados por prata, razão por que desviaram o córrego ali existente¹³⁷. A descoberta de prata no leste

¹²⁶ Sellow também se interessava por animais fósseis. Após o fim da viagem reportada no presente artigo, o naturalista retornou a Porto Alegre em janeiro de 1825 e permaneceu na capital até meados de setembro, com exceção de curto período em que realizou uma rápida excursão. A dezessete de setembro de 1825, ele seguiu para o norte do Uruguai, motivado pela notícia da existência de “dois esqueletos gigantes” fósseis na região do Arapeí Chico, o “maior deles com 40 palmos de comprimento, necessitando de uma grande carreta para seu transporte” (Weiss, 1941. Op. cit., p. 44-45).

¹²⁷ Aceguá; de acordo com Furtado (1969, p. 16) e Docca (1921a, p. 89), a palavra significa “vale da lua”, de *yaci* (lua) e *cuá* (cintura, meio, vale); Sampaio (1943, p. 20) pondera que o termo, corrupção de *acéiguá*, admite várias interpretações, das quais, a que melhor se aplica ao topônimo gaúcho é o de “encostas abauladas”.

¹²⁸ Na estância de João Antônio Martins, Sellow coletou, em 08-02-1824, a amostra de rocha n. 862 (Brecha tectônica). Na mesma propriedade, mas no dia seguinte (09-02-1824) e com a indicação adicional “Cerro de Jaceguá Grande”, o viajante coletou as seguintes amostras: n. 863 (“Tonstein”, isto é, um argilito maciço rico em caulinita), n. 865 (Arenito), n. 868 (Riólito), n. 869 (Granito e Granito-Porfiróide), n. 872 (Granito) e n. 873 (Granito).

¹²⁹ Sellow refere-se a João Antônio Pereira Martins (Portugal, 19-06-1767 – Pelotas, 19-8-1847), o futuro Visconde de Serro Azul, posto que a distinção nobiliárquica foi-lhe entregue anos mais tarde. Por parte da mãe, prima-irmã de Raphael Pinto Bandeira, ele descendia de um aventureiro francês de nome Bethancourt, que chegou a vice-rei das Canárias; de sua descendência, destacou-se o neto Gaspar da Silveira Martins (Departamento de Cerro Largo, 05-8-1835 – Montevidéu, 23-07-1901), grande tribuno no Império e início da República. Possuidor da maior fortuna “até hoje acumulada no Rio Grande do Sul”, as estâncias do Visconde de Serro Azul “se estendiam, ininterruptamente, desde o Candiota (...) até o Rincão do Pereira, em pleno coração do Uruguai”, abrangendo a “fantástica área de cento e dez léguas quadradas de campo, quase o território de uma nação”; conta-se que ele dizia amiúde: “se Deus me der vida bastante, e com a sua ajuda, ainda hei de ir do Candiota a Montevidéu por dentro de minhas terras” (Carvalho, 1837. Op. cit., p. 265). Resta acrescentar que o referido título nobiliárquico foi-lhe entregue em 1826.

¹³⁰ Não custa lembrar que na época da viagem de Sellow, o atual Uruguai integrava o Império do Brasil como Província Cisplatina.

¹³¹ Principal afluente da margem esquerda do rio Uruguai. Nasce no Rio Grande do Sul, mas tem a maior parte do seu curso no país vizinho (Uruguai).

¹³² É o caso dos “campos de areia” do sudoeste gaúcho, muito susceptíveis à arenização.

¹³³ Estância pertencente a Antonio dos Santos, segundo Weiss (1941. Op. cit., p. 83): “assim na própria estância de Fr.^{co} Pinto, e entre ela e a estância de Antonio dos Santos ou do Jaceguá Chico”.

¹³⁴ Na estância de “Jaceguá Chico”, em direção ao Arroio da Mina, Sellow coletou as amostras n. 881 (Arenito) e n. 882 (“Mergel”, isto é, marga), conservadas no “Museum für Naturkunde Berlin”.

¹³⁵ Trata-se da amostra n. 834 (“Mergel”), do “Museum für Naturkunde”, de Berlim.

¹³⁶ A respeito deste material, Weiss (1941. Op. cit., p. 83) informa que a “prata”, em verdade, era “apenas” um “cascalho sulfuroso do calcário margoso”.

¹³⁷ Trata-se do Arroio da Mina, que nasce na área urbana da atual Aceguá (brasileira e uruguaia) e corre para leste, até sua junção no Jaguarão-Chico, estabelecendo, ao longo de todo o seu curso, a fronteira entre ambos

da América do Sul valeria a pena, mas os esforços nesse sentido apenas serviram para confirmar a raridade desse metal nessa região¹³⁸.

Daqui segui pela Capela do Herval¹³⁹ para São Francisco de Paula¹⁴⁰, sempre preferindo o alto das coxilhas. Entre o Rio Negro e o Jaguarão¹⁴¹ não há serra, conquanto tal assinale a carta de José de Saldanha¹⁴² publicada nos Anais da Província¹⁴³, aliás, excelentes, e que tive a honra de remeter a Vossa Excelência; do mesmo modo, entre o rio Santa Maria e o Vacacaí¹⁴⁴. Aqui só se encontram as mesmas espécies de coxilhas isoladas do Jaceguá; a natureza identificou ao máximo as duas províncias.

Em geral, esta região é de coxilhas baixas. O rio Jaguarão corre sobre argila micácea, arenito e marga calcária, como o rio Negro, próximo, e o Guaíba.

No Passo de São Diogo¹⁴⁵, pelo qual atravessassei o Jaguarão, demorei com vistas a colecionar exemplares do grande veado¹⁴⁶ que aqui

vive nas macegas das baixadas, e avestruzes¹⁴⁷ desta terra. Infelizmente, perdi, de novo, uma parte dos exemplares já preparados, por causa da chuva, que me impediu de preservá-los a todos.

Em prosseguimento, o arroio de São Francisco e o Jaguarão-Chico cortam o arenito e correm sobre granito porfiróide¹⁴⁸, contendo grandes cristais vermelhos de feldspato, e lençóis de pórfiro. Mais adiante, transpõe-se pequena lombada de (?), que parece desenvolver-se de granito. Do outro lado aparece, mais uma vez, o arenito do (?) e onde este entra em contato (?) a serra primitiva, suas camadas são desabadas e, qual muralha, circundam seu pé, tal qual no Jaceguá-Grande.

Em prosseguimento, para alcançar a Capela do Herval temos que transpor duas serras, a do Defunto Coruja¹⁴⁹ e a da Serra da Guarda Ve-

os países. Na rodovia Bagé-Aceguá, antes de chegar à última cidade, cruza-se pela Sanga Funda e pelo Arroio Mínuano; a primeira é afluente do segundo, e ambos debitam suas águas ao Jaguarão-Chico.

¹³⁸ De fato: as grandes minas de prata da América do Sul se encontram na cordilheira dos Andes, a oeste da América do Sul, notadamente no Peru, Chile e Bolívia.

¹³⁹ Atual cidade de Herval (32°01'25"S – 53°23'44"W), sede de município gaúcho que estabelece fronteira com o departamento uruguaio de Cerro Largo. Neste trecho, Sellow coletou uma amostra de riolito (n. 917), em 25-2-1824, e uma de granito (n. 921), em 27-2-1824, conservadas no "Museum für Naturkunde Berlin".

¹⁴⁰ Antigo nome da atual cidade de Pelotas.

¹⁴¹ Rio tributário da lagoa Mirim; nasce no Brasil, mas, em grande parte do seu curso, estabelece fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai.

¹⁴² José de Saldanha (Lisboa, 1758 – Porto Alegre, 28-5-1808), militar, cartógrafo e autor de diversos "Diários resumidos" e "Memórias", de grande importância para a historiografia sulina.

¹⁴³ O autor refere-se ao famoso "Anais da Província de São Pedro", obra de José Feliciano Fernandes Nunes Pinheiro (Visconde de São Leopoldo), cuja primeira edição foi publicada em 1822 e teve várias reedições, inclusive ampliadas; antes dessa data, entretanto, havia saído obra de conteúdo semelhante, intitulada "Anais da Capitania de São Pedro" (1819). Com justiça, o Visconde de São Leopoldo é considerado o pai da historiografia gaúcha. A respeito de Sellow, o Visconde de São Leopoldo informa sobre uma "derradeira carta

de despedida" a ele enviada pelo naturalista prussiano, em que manifesta "incessantes votos pela prosperidade de sua pátria", prontifica-se a "retificar os exames de minerais de cobre", informava sobre a existência de "belíssima serpentina" e "diferentes variedades de ferro em lugares cômodos para extração", de "abundância de terras ricas com matérias para o fabrico de sulfato de alumina", bem como de "inumeráveis plantas medicinais" (Pinheiro, 1978, p. 63-64).

¹⁴⁴ De fato: a linha de cumeada entre os rios Santa Maria (afluente do Ibicuí) e Vacacaí (afluente do Jacuí) é feita por coxilhas baixas, que poucas vezes ultrapassam a altitude de 150 m.

¹⁴⁵ Passo do rio Jaguarão, no município de Herval, situado à jusante da foz do Jaguarão-Chico.

¹⁴⁶ Referência ao veado-campeiro, *Ozotoceros bezoarticus* (Linnaeus, 1758), cervídeo cujas maiores populações se encontram, atualmente, no Pantanal Matogrossense. O adjetivo "grande", utilizado por Sellow, exclui a possibilidade do autor se referir ao veado-virá, *Mazama gouazoubira* (Fischer, 1814) e ao veado-mão-curta, *Mazama nana* (Hensel, 1872).

¹⁴⁷ O avestruz é ave africana; na América do Sul encontra-se a ema: *Rhea americana* (Linnaeus, 1758).

¹⁴⁸ Amostra n. 890, coletada em 23-2-1824 e conservada no "Museum für Naturkunde Berlin".

¹⁴⁹ "Estância do defunto Coruja (Antonio Fr.^{co} dos Santos Abreu)", segundo Weiss (1941. Op. cit., p. 84). Antonio Francisco dos Santos Abreu foi um dos responsáveis pela compra do terreno que assegurou a permanência dos primeiros povoadores em Herval e que, na sequência, reconstruíram a igreja. Na estância do Defunto Coruja, Sellow coletou em 23-02-1824 as amostras n. 895 e n. 899 (ambas de Arenito), integrantes do acervo do "Museum für Naturkunde", de Berlim.

lha¹⁵⁰ e rodeia os morros do Herval¹⁵¹, em cujo sopé ocidental, num vale estreito, encontra-se a freguesia do Herval¹⁵², com 60 fogos. A composição daquela serra é, principalmente, de granito¹⁵³ porfiróide, gnaiss e cascalho micáceo, traçadas na 4 St. As íngremes serras do Herval se compõem de cascalho micáceo de singular constituição, e que aparece como rocha quartzosa (?) segundo 3 St, com camadas desabadas, que formam elevações independentes do traçado.

Daí, o caminho busca o Piratini¹⁵⁴, ladeando vários córregos, alguns dos quais fluem diretamente para a lagoa Mirim, ao passo que outros primeiramente engrossam o Piratini, e o chão é sempre granítico, às vezes porfiróide, com seus cristais de feldspato orientados para St 3 – 4 (?), e com tendência a se decompor em massas esferóides.

A pequena serra das Asperezas¹⁵⁵ é, principalmente, encimada de grandes blocos redondos graníticos, superpostos, e na sua proximidade encontrei extensa camada de calcário primitivo. Galgada essa pequena serra, vê-se, à direita, a lagoa Mirim¹⁵⁶, bastante movimenta-

da pela navegação¹⁵⁷, dada a situação da freguesia do Cerrito¹⁵⁸, seis léguas acima da boca do Jaguarão¹⁵⁹, freguesia de animado comércio.

Com tempo claro, avista-se a costa e, mesmo, o oceano, para além da lagoa. À medida que nos aproximamos da serra dos Tapes, coberta de mato alto, avistam-se capões isolados, cujo meio é geralmente ocupado por palmeiras gerivá¹⁶⁰, em torno das quais as outras árvores vão diminuindo de porte, como adrede dispostas para que o mesmo olhar abranja a todas¹⁶¹.

Os pontos mais úmidos das baixadas são, às vezes, ocupados por uma *Erythrina* (ceibo) de 15 a 20 pés de altura, de tronco singularmente corcovado, com galhos grossos, que parecem podados (...) como espanadores, nas extremidades¹⁶²; sua madeira substitui, embora mal, a cortiça¹⁶³. Geralmente essas árvores suportam *Tillandsias*¹⁶⁴ e guirlandas de cactos¹⁶⁵.

Patos é uma laguna. A Lagoa Mirim se encontra na divisa do Rio Grande do Sul com o Uruguai e se liga à Laguna dos Patos pelo Canal de São Gonçalo.

¹⁵⁷ Antes da ligação ferroviária, a cidade de Jaguarão ligava-se ao restante do estado do Rio Grande do Sul principalmente por água, visto que o rio Jaguarão possibilitava o acesso de barcos até a cidade de mesmo nome.

¹⁵⁸ Antigo nome da atual cidade de Jaguarão (32° 33' 57"S – 53° 22' 33"O), situada às margens do rio de mesmo nome e frente à Rio Branco, cidade uruguaia do departamento de Cerro Largo.

¹⁵⁹ Da foz do rio Jaguarão na Lagoa Mirim.

¹⁶⁰ *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman (Arecaceae).

¹⁶¹ Definição literária muito adequada ao conceito etimológico de “capão” (de mato), palavra tupi que vem de *ca'á* e *apoam*, e tem o significado de “mata redonda”. O termo, aliás, é muito adequado ao aspecto da vegetação, tanto em vista de cima como de frente, caso em que sua forma arredondada deve-se ao fato das árvores maiores se encontrarem no centro do fragmento florestal e, em sua borda, haverem, apenas, arvoretas e arbustos lenhosos.

¹⁶² Descrição perfeita para a copa de *Erythrina cristagalli* L. (Fabaceae), a popular corticeira-do-banhado (no Rio Grande do Sul) ou “ceibo” (em espanhol).

¹⁶³ De fato: a madeira, esponjosa e de baixa densidade, serve para a finalidade informada (cortiça), justificando, aliás, a utilização de seu nome popular (corticeira). Sellow foi muito feliz ao referir a espécie a “pontos mais úmidos das baixadas”, hábito também implícito no nome comum da árvore (corticeira-do-banhado).

¹⁶⁴ Por sua casca espessa, o tronco e ramos grossos das corticeiras-do-banhado são usualmente recobertos de epífitas, notadamente de bromeliáceas do gênero *Tillandsia* e pteridófitas.

¹⁶⁵ Clara referência a *Rhipsalis lumbricoides* Lem., o popular cacto “rabo-de-rato”.

¹⁵⁰ Refere-se à Guarda Velha de Santo Antônio, que situa-se no topo do atual Cerro da Guarda, nos arredores da atual cidade de Pedras Altas.

¹⁵¹ Na Serra do Herval, “antes da Capella do Herval”, Sellow coletou, em 25-02-1824, a amostra n. 917, identificada como Riólito e integrante do acervo do “Museum für Naturkunde” (Berlim).

¹⁵² Atual cidade de Herval (32°01'26"S – 53°23'44"O), sede de município na microrregião de Jaguarão, situada a 287 m de altitude. A origem da povoação deriva da “Guarda Portuguesa de São João do Herval”, que foi um acampamento militar das forças de Rafael Pinto Bandeira na década de 1780, e um dos mais importantes na linha de defesa da fronteira do “Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul”.

¹⁵³ Na “Capella do Herval”, Sellow coletou, em 27-02-1824, a amostra n. 921 (Granito), que se encontra no “Museum für Naturkunde” (Berlim).

¹⁵⁴ Com cerca de 132 km de extensão, o rio Piratini nasce ao norte da cidade de mesmo nome e se lança no canal de São Gonçalo.

¹⁵⁵ Bifurcação da serra dos Tapes, que se estende pelos municípios de Piratini e Pinheiro Machado, à direita do rio Piratini. Nesta região, Sellow esteve entre os dias 4 e 6 de Março de 1824, segundo as etiquetas das amostras geológicas n. 928 e 932 do “Museum für Naturkunde Berlin”.

¹⁵⁶ Maior lagoa do Brasil (3.749 km²), posto que a dos

Atravessado o Piratini¹⁶⁶, o caminho segue um trecho pela Serra dos Tapes, que também é granítica; depois vem o campo aberto e plano, que não apresenta pedras¹⁶⁷. Esta zona e a que fica entre as lagoas dos Patos e Mirim constituem a planície do Rio Grande do Sul; toda a porção restante é acidentada, se bem que as elevações sejam baixas. Só depois do Uruguai¹⁶⁸ e do Prata¹⁶⁹ é que voltam a se estender verdadeiras planícies¹⁷⁰.

O granito e o gnaiss, que, sem dúvida, se rastreiam até o rio da Prata, a serra dos Tapes e a do Erval, separadas, estas, pelo rio Camaquã, e estendidas a oeste da lagoa dos Patos, podem ser consideradas prolongamento da Serra do Mar (ou Geral), marcada pelos montes do Itapoã¹⁷¹ e de S. Ana¹⁷², e não como integrantes da serra transversal basáltica¹⁷³, segundo entendiam Saldanha¹⁷⁴ e outros.

A 10 de fevereiro atingi São Francisco de Paula¹⁷⁵, onde o arroio de Santa Bárbara¹⁷⁶ deságua no São Gonçalo¹⁷⁷, o qual liga as duas

lagoas; prospera com rapidez, pois, estabelecida há oito anos, já conta 200 casas notáveis e, em seus arredores, umas trinta charqueadas, estabelecimentos destinados a preparar carne vacum salgada e seca, as quais, em conjunto, chegam a abater 200.000 reses por ano¹⁷⁸.

Depositei minhas coleções do rio de Pelotas¹⁷⁹ e corri a Rio Grande, a fim de receber vários artigos de que necessitava para o acondicionamento delas, artigos que, infelizmente, ali não achei, apesar de já os haver pedido ao Sr. Theremin¹⁸⁰.

A situação da vila do Rio Grande¹⁸¹ e da povoação de São José do Norte¹⁸², que lhe fica defronte, à margem norte do canal, portos em que navios de alto mar encontram profundidade de água e segurança¹⁸³, é, de fato, triste; em toda a volta só água e areias movediças, que chegam a formar cômodos nas ruas; para oeste, mal se avistam as cimeiras da serra dos Tapes¹⁸⁴.

¹⁶⁶ Sabe-se que o viajante atravessou o Rio Piratini em 07-03-1824, e pelo “Passo de José Rodrigues”, pois no “Museum für Naturkunde (Berlim) existe a coleta Sellow 934 (de Granito), com essas referências.

¹⁶⁷ Já na “bacia sedimentar de Pelotas”.

¹⁶⁸ Da República Oriental do Uruguai.

¹⁶⁹ Referência ao Rio da Prata, situado entre o Uruguai e a Argentina.

¹⁷⁰ Correto: só na província de Buenos Aires (Argentina) é que se encontram grandes extensões de pampa plano, posto que, no Uruguai e no Rio Grande do Sul, tem-se o “pampa ondulado”, com coxilhas.

¹⁷¹ Conjunto de morros encimado por farol homônimo, situado no encontro das águas entre o lago Guaíba e a laguna dos Patos, no município de Viamão. A área, situada na região metropolitana de Porto Alegre, abriga o Parque Estadual de Itapuã.

¹⁷² Ponto mais alto do município de Porto Alegre (311 m), o morro Santana situa-se a sudeste da cidade; em sua maior parte, pertence à UFRGS (campus do vale).

¹⁷³ Serra Geral.

¹⁷⁴ Referência ao militar e cartógrafo José de Saldanha, anteriormente comentado.

¹⁷⁵ Atual cidade de Pelotas (31°46'19"S – 52°20'34"O). Fundada com o nome de “Freguesia de São Francisco de Paula” (07-7-1812), Pelotas foi elevada à condição de “vila” em 07-4-1832 e de “cidade” em 1835.

¹⁷⁶ Arroio que passa pela área urbana de Pelotas e foi, em grande parte, canalizado.

¹⁷⁷ Canal natural, com extensão de 76 km, que liga a lagoa Mirim à laguna dos Patos e tem como principal afluente o rio Piratini.

¹⁷⁸ Motivo de seu rápido desenvolvimento e pujança econômica, testemunhados por Friedrich Sellow.

¹⁷⁹ Provável equívoco do tradutor, pois Sellow deve ter deixado suas coleções em alguma casa na região das charqueadas do arroio Pelotas (ver nota anterior sobre o arroio Pelotas).

¹⁸⁰ Carl Wilhelm von Theremin (1784-1852), cônsul da Prússia no Rio de Janeiro, ao tempo da viagem de Friedrich Sellow.

¹⁸¹ Sellow refere-se a Rio Grande como “vila”, pois, emancipado em 16-12-1751, é um dos quatro primeiros municípios do Rio Grande do Sul, junto com Porto Alegre, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha.

¹⁸² Chama atenção que o viajante refere-se ao povoado com seu nome completo (e atual), visto que a localidade era geralmente chamada de “Norte”, na época.

¹⁸³ Auguste de Saint-Hilaire, que esteve em ambas as localidades pouco antes do viajante prussiano, registrou que “em São Pedro do Sul (atual Rio Grande) apenas podiam ancorar iates; porém, todas as embarcações que passam a barra podem aportar na aldeia do Norte (atual São José do Norte); mas é em São Pedro que está a alfândega e, por conseguinte, se faz necessário conduzir para lá, em iates, todas as mercadorias que chegam à aldeia do Norte, mesmo aquelas destinadas ao comércio desta aldeia” (Saint-Hilaire, 2002. Op. cit., p. 97). Esta situação, todavia, já estava solucionada ao tempo da viagem de Sellow, uma vez que “a partir de 1823, quando foram concluídas a dragagem do cais e a construção do porto”, tornou-se possível, em Rio Grande, que “embarcações com mais de 200 toneladas aportassem na Vila do Rio Grande”, dinamizando sua “atividade comercial” (Altmeyer, 2007. Op. cit., p. 11).

¹⁸⁴ A oeste de Pelotas (São Francisco de Paula, na época).

Não obstante, o Rio Grande é, em proporção, uma das maiores cidades do Brasil, conta três igrejas¹⁸⁵, 800 fogos, e é a segunda cidade da província em importância¹⁸⁶.

Sem tardar, regressei a Pelotas e logo empreendi uma excursão às bordas da lagoa dos Patos¹⁸⁷, com o objetivo principal de aumentar a coleção geológica. Mal chegado aí, tive a desventura de fraturar uma clavícula, por obra de um tombo do cavalo. Só no fim de março pude retornar a Pelotas. Começava o inverno. De 3 a 8 de junho desabaram fortes chuvaradas, sob quase ininterrupto temporal. E, de repente, na noite de 6 de junho, transbordava o rio Pelotas, coisa dantes nunca vista pelos moradores da região; suas águas subiram tanto que a soleira da casa em que estavam minhas coleções ficou coberta de água com a altura de 14 pés¹⁸⁸. Assim, perdi uma caixa de plantas secas, uma com esqueletos e uma parte de meus insetos; por sorte salvei os demais pertences. A região ficou inabitável e tive que mudar-me para São Francisco de Paula¹⁸⁹, onde graças a nunca assaz louvada

hospitalidade da terra consegui abrigo para mim e minhas coleções.

O inverno todo continuou chuvoso; forçado pela umidade ambiente e pelo meu mau estado de saúde, expedi parte de minha coleção pelo brigue Constante, capitão Kaiser, a saber: sementes, insetos, as duplicatas de pássaros (em número de 526, geralmente grandes), os couros de mamíferos (40) e os esqueletos (entre eles dois exemplares do mirmecófago jubata¹⁹⁰). Quanto ao restante, eu tinha esperança de enviar pelo Elizabeth, capitão Schipmann, mas quando este resolveu permanecer aqui até a próxima safra das charqueadas, recorri à sumaca Águia Volante, encaminhando o material ao Ex.^{mo} Sr. Cônsul Theremin¹⁹¹, para que o remeta ao último destino. Essa remessa consistiu em quatro caixas, com cerca de dez mamíferos e 391 pássaros; outra caixa com vinte e algumas variedades de plantas, etc.; duas caixas com plantas secas, de números 1.200 a 2.150; e cinco caixas com minérios, de número 500 a 939; mais um pacote de armas dos selvagens da região.

Ainda expedi pelo Elizabeth duas caixas com duplicatas de minérios, uma com amostras de madeiras de lei e três caixas de plantas secas, marcadas F.S. (KBM) números 13, 14 e 15, e me atrevi a solicitar, humildemente, a V. S.^a, mandasse conservá-las intactas à minha disposição no Museu Real até que eu retorne a Berlim; todas as de marca F.S., que foram cuidadosamente acondicionadas, bem como as de igual marca que eu remeta mais tarde. É que tenho intenção, com auxílio delas, de completar ou desenvolver as minhas descrições, antes de doá-las ao referido Museu, talvez com exceção de alguma duplicata.

¹⁸⁵ Saint-Hilaire foi mais explícito neste ponto: “Além da igreja paroquial, só há no Rio Grande mais duas, a de São Francisco e a do Carmo” (Saint-Hilaire, 2002, p. 106). A dita “igreja paroquial” é a Catedral de São Pedro, a mais antiga igreja do Rio Grande do Sul; a “igreja de São Francisco” constitui um caso de xifopagia com a atual catedral, posto que suas paredes de fundo coincidem; a antiga igreja de Nossa Senhora do Carmo, por sua vez, foi demolida para dar lugar ao templo neogótico atualmente existente.

¹⁸⁶ Logo depois da capital (Porto Alegre), na época. Com relação à atividade comercial, ela já era tão intensa em 1809 (ano subsequente à “abertura dos portos”, por D. João VI), que o viajante inglês John Luccock registrou que ali residiam “os principaes negociantes ou seus agentes, de sorte que pode ella ser considerada o grande empório do Brasil sulino” (Luccock, 1935. Op. cit., p. 20).

¹⁸⁷ Região da atual praia do Laranjal, conhecido balneário da cidade de Pelotas.

¹⁸⁸ De acordo com o texto, Sellow havia deixado suas coleções na região das antigas charqueadas, as quais se concentravam à margem do arroio Pelotas, local então bastante afastado da vila de São Francisco de Paula (atual Pelotas). Consta que Saint-Hilaire, em sua visita de 1820, foi acolhido na Charqueada São João, de Antônio José Gonçalves Chaves (1781-1837), o qual foi definido pelo francês como “um dos homens mais competentes da região”. O relatório de Sellow, infelizmente, não fornece qualquer pista a respeito.

¹⁸⁹ Para a área urbana propriamente dita da vila de São Francisco de Paula, atual cidade de Pelotas.

¹⁹⁰ *Myrmecophaga jubata* (Linnaeus, 1766); trata-se de binômio antigo e atualmente em desuso para o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla* (Linnaeus, 1758)).

¹⁹¹ Carl Wilhelm Theremin, Cônsul Geral da Prússia no Rio de Janeiro, indicado pelo rei Frederick Wilhelm III (1770-1840) em janeiro de 1820.

Vencidas a 24 de novembro as muitas dificuldades e contrariedades que ocorreram para o embarque dessas caixas, ainda fui aqui retido pelo desejo de tomar posse dos instrumentos por mim conseguidos gentilmente pelo Sr. Secretário da embaixada W. Olfers¹⁹² e professor Lichtenstein¹⁹³, os quais haviam caído em esquecimento junto ao Sr. Theremin, mas de cuja chegada eu tivera notícia por um jornal, pelo que, de novo, os reclamei e agora ansiava por eles. Só os recebi no fim de dezembro.

Assim, em nove de Janeiro de 1825, depois de navegar dez dias pela lagoa dos Patos¹⁹⁴, achei-me em Porto Alegre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por seu indiscutível valor histórico e científico, a publicação do presente texto de Friedrich Sellow em língua portuguesa preenche uma lacuna que há muito se fazia sentir em nosso meio. Este resgate, cabe frisar, não encerra a tarefa a ser executada, posto que um volumoso e diversificado acervo material por ele reunido, bem como textos variados e material iconográfico de sua autoria sobre a terra e gente do Rio Grande do Sul ainda seguem inéditos nos museus de Berlim. A este respeito, aliás, o historiador Stephen Bell registrou, em primorosa biografia sobre Aimé Bonpland, que não entendia como os acadêmicos sul-brasileiros, muitos dos quais

de raízes teuto-brasileiras, ainda não haviam acessado tais documentos em Berlim, tendo-se em vista a intensa cooperação cultural existente entre Brasil e Alemanha.¹⁹⁵

O texto ora apresentado comprova a notável contribuição do viajante prussiano ao conhecimento científico do Rio Grande do Sul, fato ainda pouco valorizado com exceção da Botânica, e, neste caso, sobretudo por seu nome ser o mais citado entre os coletores de exsiccatas na monumental “Flora Brasiliensis”. Por sua morte prematura, ainda no Brasil, o viajante não teve tempo para estudar os materiais penosamente reunidos, bem como para elaborar publicações científicas e escrever os tradicionais livros de viagem, à semelhança de Saint-Hilaire, Arsène Isabelle, Avé Lallemand e Martius, para citar-se, apenas, alguns dos mais notáveis viajantes-naturalistas que deixaram relatos sobre a terra brasileira, motivo pelo qual o nome do prussiano segue pouco divulgado, até mesmo no meio acadêmico.

Apesar de simples relatório, escrito ao calor do momento e sem apoio bibliográfico ou de outros meios indispensáveis a um exame mais criterioso do observado nas andanças, o texto que se tem em mãos, mesmo assim, demonstra a importância do viajante para o conhecimento regional.

Ao publicarmos este texto inédito de Friedrich Sellow, resta salientar nossa convicção de que os lapsos subsistentes na transcrição do manuscrito não invalidam a presente iniciativa, até mesmo pelo caráter sobejamente retardatário da mesma. O que se espera, no futuro, é que o interesse suscitado pelo acervo do viajante – e que recém agora começa a ser conhecido

¹⁹² Ignaz Franz Werner Maria von Olfers (1798 - 1872), Secretário da Legação da Prússia no Rio de Janeiro, à época. Como naturalista, Olfers participou de uma excursão com Sellow pelas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, apoiada com recursos da Legação da Prússia no Brasil (Hoehne et al., 1941). Em Ipanema (arredores de Sorocaba, São Paulo), deuse o encontro dos viajantes com Johann Natterer (1787 - 1843) e Auguste de Saint-Hilaire (1779 - 1853); a partir de Ipanema, Sellow prosseguiu sozinho em suas excursões, pois Olfers precisou retornar ao Rio, por motivos pessoais. Em 1838, Olfers passou a dirigir o Museu Imperial de Berlim.

¹⁹³ Martin Lichtenstein (1780 - 1857), curador do Museu de Zoologia de Berlim. Era a Lichtenstein e a Alexander von Humboldt que Sellow devia, em grande parte, o seu recrutamento como viajante naturalista do referido Museu.

¹⁹⁴ O viajante passou pela “Ponta de Itapoã” dia seis de Janeiro de 1825 (Weiss, 1941. Op. cit., p. 46).

¹⁹⁵ “Given the intense cultural cooperation between Germany and Brazil, it is difficult to understand why southern Brazilian academics (not a few of whom stem from German-Brazilian backgrounds) have not done more to assess the papers at Berlin of the naturalist Friedrich Sellow. This includes his drawings of indigenous people and his plans of the former Jesuit missions in Rio Grande do Sul” (BELL, S. A life in shadow. Aimé Bonpland in southern South America, 1817-1858. Stanford: University Press, 2010. p. 226).

em português –, sirva de estímulo para novos pesquisadores, e que estes, mediante acesso às fontes, possam, com mais propriedade, ampliar a análise do texto e/ou sanar eventuais equívocos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAYER, F. de L. Evolução histórica do Porto do Rio Grande. *Caderno de História*, Memorial do Rio Grande do Sul, n. 33, p. 7-31, 2002
- AZARA, F. de. *Descripcion é Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*. Madrid: Imprenta de Sanchiz, 1847. v. 1. 446p.
- BARRETO, A. *Bibliografia Sul-Riograndensae* (A contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976. v. 2, p. 1257-1265.
- BELL, S. *A life in shadow*. Aimé Bonpland in Southern South America. Stanford: University Press, 2010. 320 p.,
- CARVALHO, M.T. de. *Nobiliário Sul-Riograndense*. Porto Alegre: Of. Graf. da Liv. do Globo, 1937. 371 p.
- CHEBATAROFF, J. *Geografia de la Republica Oriental del Uruguay*. Montevideo: Barreiro y Ramos, 1984. 162 p.
- DEBLE, L.P.; MARCHIORI, J.N.C.; ALVES, F. da S.; OLIVEIRA-DEBLE, A.S. de. Levantamento do gênero *Butia* (Becc.) Becc. (Arecaceae) no Rio Grande do Sul. *Balduinia*, Santa Maria, n. 30, p. 3-24, 2011.
- DOCCA, S. Vocabulos Tupis na Geographia Riograndense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, ano 1, 1º trimestre, p. 89-91, 1921a.
- DOCCA, S. Vocabulos Tupis na Geographia Riograndense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, ano 1, 2º trimestre, p. 225-227, 1921b.
- FÁVERO, A.A.; LONGHI, S.J. Florística e contingente fitogeográfico da vegetação arbórea do Morro do Botucaraí, Rio Grande do Sul, Brasil. *Balduinia*, Santa Maria, n. 48, p. 1-22, 2015.
- FONTANA, C.S.; BENCKE, G.A.; REIS, R.E. *Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 632 p.
- FURTADO, N.F. *Vocábulos indígenas na Geografia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1969. 193 p.
- GUERRA, M. Presença do gênero *Polysolenoxylon* na Formação Irati do Rio Grande do Sul. In: CONGRESO ARGENTINO DE PALEONTOLOGIA Y BIOESTRATIGRAFIA, 1, Tucumán, 1974. *Actas...* Tucumán, UNT/APA, v. 1, p. 371-400, 1975.
- HERTER, W.G.; RAMBO, B. Nas pegadas dos naturalistas Sellow e Saint-Hilaire. *Revista Sudamericana de Botánica*, Montevideo, v. 10, n. 2, p. 61-98, 1951.
- HOENHE, F.C.; KUHLMANN, M; HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1941. 643 p.
- LUCOCK, J. *Aspectos Sul-Riograndenses no 1º quartel do sec. XIX*. Rio de Janeiro: Record, 1935. 122 p.
- MARCHIORI, J.N.C.; CANTO-DOROW, T.S. do; BÜNEKER, H.M.; ESSI, L.; BREIER, T.B.; PONTES, R.C. Campos e florestas no curso médio do rio Toropi, Rio Grande do Sul (Brasil). *Balduinia*, Santa Maria, n. 45, p. 1-16, 2014.
- MARCHIORI, J.N.C.; DURLO, M.A. Friedrich Sellow e sua contribuição para as Ciências Naturais. *Ciência & Ambiente*, Santa Maria, n. 16, p. 29-50, 1998.
- MARCHIORI, J.N.C.; MARCHIORI NETO, D.L. Textos inéditos de Friedrich Sellow. 2 – Notas sobre colheita e preparo da erva-mate. *Balduinia*, Santa Maria, n. 59, p. 27-32, 2017.
- MARCHIORI, J.N.C.; PONTES, R.C.; MARCHIORI NETO, D.L. Textos inéditos de Friedrich Sellow. 1 – Viagem às Missões Jesuíticas da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. *Balduinia*, Santa Maria, n. 51, p. 12-24, 2016.
- MERLOTTI, S. Reavaliação taxonômica das formações Irati e Serra Alta, Permiano da Bacia do Paraná, Brasil. *Pesquisas em Geociências*, v. 36, n. 1, p. 11-21, 2009.
- MONTOYA, A.R. de. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997. 296 p.
- NOAL FILHO, V.; FRANCO, S. da C. *Os viajantes olham Porto Alegre*. Santa Maria, Anaterria, 2004. v. 1. p. 52.

- PINHEIRO, J.F.F. *Anais da Província de São Pedro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- PINTO, I.D.; CLOSS, D. Índice remissivo dos fósseis do Rio Grande do Sul. *Iheringia*, Porto Alegre, v. 1, p. 3-76, 1967.
- PONTES, R.C.; MARCHIORI, J.N.C.; WITECK NETO, L. Notas históricas sobre a família Cactaceae no Rio Grande do Sul (Brasil) e Uruguai. I – Período clássico (1818-1950): viajantes naturalistas e botânicos europeus. *Balduinia*, Santa Maria, n. 56, p. 1-11, 2017.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. 209 p.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. 578 p.
- SAMPAIO, T. Interpretação de alguns nomes Tupis usados na Geografia Nacional (Rio Grande do Sul). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 1º Trimestre, p. 17-26, 1943.
- STRESEMANN, E. Der Naturforscher Friedrich Sellow († 1831) und sein Beitrag zur Kenntnis Brasiliens. *Zoologische Jahrbücher Jena Systematik*, v. 77, p. 401-425, 1948.
- URBAN, I. Biographische Skizzen. 1. Friedrich Sellow (1789-1831). *Botanische Jahrbücher für Systematik, Pflanzengeschichte und Pflanzengeographie*, Leipzig, v. 17, p. 177-198, 1893.
- WEISS, C.S. Excursão geológica de Frederico Sellow ao Rio Grande do Sul e ao Uruguai (1821-1827). *Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos*, Rio Grande, v. 2, p. 35-64, 1941.
- ZISCHLER, H.; HACKETHAL, S.; ECKERT, C. (eds.). *Die Erkundung Brasiliens*. Berlin: Galiani, 2013. 253 p.